

A Foz*

José Alberto V. Rio Fernandes

INTRODUÇÃO

A Foz, área ocidental do Porto voltada para o mar e para o rio é neste trabalho entendida como um espaço com 'personalidade' própria dentro da cidade. Este individualismo, que lhe é conferido pela particularidade do seu passado histórico e pelas características que o processo de urbanização deixou vincadas, constituiu um dos factores que nos levou ao seu estudo (possível que é a individualização deste território no aglomerado urbano do Porto).

«Não fora a desordem que vem arrasando pinheirais, campos e ribeiras que serviam de fronteiras entre as freguesias históricas e as zonas marítimas e ainda teríamos na Foz uma cidadezinha litoral ao lado da cidade um pouco longe, onde a vista já não enxerga»¹. A mesma ideia exprimiu Raul Brandão, quando ao falar da Foz se referia a «esta vila adormecida [que] estava a cem léguas do Porto e da vida»². O tempo utilizado do verbo *estar*, assim como o do verbo *ter* na frase anterior deixam crer que as condições se haviam modificado. Mas, ainda que o desenvolvimento dos transportes e a expansão da mancha construída tenham diluído os limites, as diferenças com o restante tecido urbano do Porto permanecem. A Foz, «apesar de pertencer à cidade desde 1836 (...) continua a ser uma localidade estranha aos costumes e à paisagem que os tripeiros consideram como Porto. E «...os naturais da Foz, os mais velhos sempre dizem — quando se deslocam ao centro — 'vou ao Porto'»³

Propõe-se este trabalho contribuir para a compreensão do crescimento deste território e analisar a forma e a ocupação dos seus espaços, com vista à definição da sua estrutura morfo-funcional, identificadora das diversas áreas que poderão eventualmente assumir-se como unidades territoriais elementares na intervenção urbanística.

¹ PACHECO, H. — *Porto*, Lisboa, Editorial Presença, 1984, p. 26.

² BRANDÃO, R. — *Os Pescadores*, Porto, *Paisagem Editora*, 1982, p. 27.

³ PACHECO, H. — *Op. Cit.*, p. 26.

* Artigo que resulta de uma re-leitura e síntese da tese de Mestrado em Geografia Humana, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1985.

¹ PACHECO, H. — *Porto*, Lisboa, Editorial Presença, 1984, p. 26.

² BRANDÃO, R. — *Os Pescadores*, Porto, *Paisagem Editora*, 1982, p. 27.

³ PACHECO, H. — *Op. Cit.*, p. 26.

* Artigo que resulta de uma re-leitura e síntese da tese de Mestrado em Geografia Humana, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1985.

É fruste o estabelecimento humano na Foz e vários testemunhos apontam para a sua continuada ocupação. A presença de povoados castrejos é indicada pela toponímia e vários autores se referem à Foz de então como uma importante póvoa marítima do norte de Portugal. As edificações acantonar-se-iam na margem direita do Douro, próximo do local onde as águas do rio se misturam com as do mar, desenvolvendo os seus moradores actividade piscatória, complementada com uma agricultura e pastorícia incipientes. Pelos séculos XII-XIII, este povoado contaria já com dezenas de casas e «...a pesca progredia duma forma extraordinária»⁴.

Data de 1 de Outubro de 1145 a carta de doação pela qual D. Afonso Henriques doa a Roberto e confrades do cenóbio de Santa Maria e S. Miguel Arcanjo, tudo quanto possuía na Ermida de S. João da Foz do Douro. Nova doação foi feita posteriormente a Soeiro Mendes Maia o qual, por sua vez, doou em favor do mosteiro beneditino de Santo Tirso de Riba d'Ave. D. Mafalda, filha de D. Sancho I, confirma a doação em 1211, designando por Couto da Foz a propriedade na posse de D. Mendo, abade do referido mosteiro. O couto é pela primeira vez definido territorialmente no contrato a modo de doação, lavrado por Fernão Pires a Rodrigo (depois emendado para Diogo) Furjaz e sua mulher Chamoá Gomes, em que o abade lhes deu, só em suas vidas, tudo o que o mosteiro tinha em S. João da Foz e Nevogilde. O couto é então delimitado por Gondarém, rio de Portuzelo, umas lagoas (então existentes junto ao limite da freguesia de Aldoar com o concelho de Matosinhos), Monte do Viso, Lordelo e Pedras Ruivas (localizadas entre a Cantareira e Sobreiras).

Dentro do couto, Nevogilde afirma-se como um pequeno povoado de vocação eminentemente rural, enquanto S. João da Foz, prospera, voltado para o rio e o mar. As diferenças na dimensão estão bem patentes nas inquirições afonsinas de 1258: «...a vila que se chama S. João da Foz, pertença do Mosteiro de Santo Tirso, com 37 casais e 14 cabaneiros e que tinha sido coutada e doada por D. Mafalda em 1211 (...) a vila que se chama Nevogilde, cuja igreja era dos mosteiros de Santo Tirso e de Pombeiro com 17 casais...»⁵. Destaca-se já, nestas inquirições ordenadas por D. Afonso III, a importância da Foz, no contexto do que constitui actualmente a metade ocidental do concelho do Porto, com um número de casais e cabanas superior ao de Aldoar e Lordelo.

O Couto da Foz vai-se desenvolvendo e ampliando a sua dimensão ao longo dos séculos XIV e XV, se bem que as lutas entre os

⁴ SAMPAIO, A.—*As Póvoas Marítimas*, Lisboa, Editorial Vega, 1979, p. 72.

⁵ BASTO, A. M. — *Desenvolvimento Topográfico da Cidade (séc. XII a XV)*, in «História da Cidade do Porto», Porto, Portucalense Editora, 1962, p. 121.

abades do mosteiro e as administrações de Bouças (Matosinhos) e do Porto, tenham marcado épocas algo conturbadas. Em 1527, o levantamento ordenado por D. João III revela a existência de 286 fogos em S. João da Foz e apenas 12 em Nevogilde. Lordelo tinha 42, Ramalde 36 e Aldoar 7.

A clara dissociação da Foz relativamente ao Porto, fica clara no texto da carta régia assinada por D. Beatriz, mãe de D. Sebastião, quando, a 27 de Maio de 1590, determina a construção de uma fortaleza fora da cidade do Porto, a erguer em terras do Couto de S. João da Foz.

Para se ter uma ideia da importância da Foz e da humildade de Nevogilde, lembre-se que um rol d'almas apresentado em 1623 por D. Rodrigo da Cunha, bispo do Porto, mostrava que o grosso da população, no actual território concelhio, residia intra-muros, sendo que apenas os 'logares' ribeirinhos de Foz e Massarelos apresentavam quantitativos superiores ao milhar fora do recinto muralhado (1571 e 1049, respectivamente), enquanto que Nevogilde contava tão-somente 79 pessoas. Na «Lista geral de fogos e almas de todo o reino», que D. Luis Caetano de Lima publica, referente a 1732, nota-se a manutenção de um crescimento populacional de S. João da Foz, que regista um acréscimo da ordem dos 15%. Nevogilde teria apenas 133 habitantes, mas o ritmo de crescimento terá sido elevado. 55 anos depois, segundo Rebelo da Costa, S. João da Foz contaria 3312 habitantes e 736 fogos. Tal estimativa contudo, que aponta para Nevogilde uma população de 163 habitantes distribuídos por 36 fogos, é considerada exagerada por muitos autores⁶.

Data desta época, de 1789 mais exactamente, a '*Planta Geográfica da Barra da Cidade do Porto*', misto de planta e perspectiva, que dá uma imagem da Foz vista de sul, onde sobressai a sua fortaleza, a ermida do Anjo e as igrejas de S. João da Foz e dos Beneditinos. As casas, dispostas em anfiteatro, estendem-se do castelo (Fortaleza de S. João da Foz do Douro) à Cantareira e no ancoradouro a montante da Ermida do Anjo (onde se instalou o primeiro farol português por ordem de D. Miguel da Silva), observam-se algumas embarcações, testemunhando a intensa ligação com o rio e o mar.⁷

Outra imagem que permite aquilatar da dimensão e características do núcleo populacional, o belo plano '*De la Ville du Port & les Environs d'Oporto en Portugal*', incluído no '*Grand Atlas*', de Calmet-Beauvoisin, publicado em 1832 mostra, como o título indica, não

⁶ RICARDO JORGE refere em *Origens da População do Porto* que, «...feita a com paração com avaliações posteriores, as cifras podem tomar-se por demasia» (p. 101-102).

⁷ Reproduzido por ANDRADE, M. DE nas *Cartas Antigas da Cidade*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1943.

só a cidade — que à altura se estendia não muito para além das muralhas medievais — , como os seus arredores. A Foz aparece como uma mancha compacta de construções que se estende de W para E e é cortada transversalmente pelo Rio da Vila⁸. A norte, em pleno espaço rural, avistam-se duas aldeias com escasso número de edifícios, designadas por Nevogilde e Passos⁹. Vários mapas dados à estampa pouco depois, entre as quais a elaborada pelo Comendador Edward Belcher, '*Entrance of the River Douro*', confirmam a localização e dimensão de S. João da Foz, apresentando esta última um detalhe do aglomerado e imagens de alguns dos edifícios mais notáveis.

As ligações do Porto para a Foz faziam-se nesta época já por duas vias diferentes: pelo velho caminho que do priorado passava junto à igreja de Lordelo e Pasteleira, antes de chegar à Foz pela Rua Central (a actual Padre Luís Cabral) e pelo que ia ao longo da margem direita do Douro, o 'caminho novo'.

Em 1834 as ordens religiosas são extintas e, dois anos depois, um decreto datado de 26 de Novembro declara a anexação ao concelho do Porto de S. João da Foz do Douro que, até aí, constituiu durante alguns meses concelho de freguesia única, com a câmara situada no pequeno largo onde se encontra a capela de Santa Anastácia. Nevogilde é inicialmente incluído no concelho de Bouças, sendo depois, por decreto de 21 de Novembro de 1895, integrado na administração do Porto, perdendo o lugar de Prado, que permaneceu integrado em Matosinhos. Ainda em meados do século XIX S. João da Foz era apenas uma povoação «...agrupada à ilharga do Castelo, habitada durante o ano quase apenas por humildes pescadores...»¹⁰.

Se a Foz dispunha das potencialidades, foi o desenvolvimento dos transportes que facilitou o sucesso conseguido como iugar privilegiado para o turismo balnear, que veio complementar, nos meses de Verão, a sua vocação eminentemente piscatória.

Inicialmente foi o barco, o burro e o carroção¹¹, depois o 'chars-à-bancs' e, em 1870, o Barão da Trovisqueira consegue autorização,

⁸ Pequena linha de água, hoje sub-aérea, que nada tem a ver com o curso de água de igual nome que corria sensivelmente onde hoje estão as ruas de Mouzinho da Silveira e de S. João.

⁹ HELDER PACHECO in *op. cit.* menciona a existência de um outro aglomerado populacional, de vocação marítima, baseando-se em referências das '*Memórias Paroquiais*' (1758) à chegada de barcos em Carreiros, para considerar a existência de uma 'colmeia de pescadores' que, neste local «exercia o seu mister desde tempos imemoriais» (*op. cit.*, p. 47).

¹⁰ BASTO, A. M. —*Alberto Pimentel e a Foz*, «O Tripeiro», Porto, V Série, N.º 6, 1955, p. 161.

¹¹ «O carroção era uma casa de andar com cinco respiradouros e quatro rodas a que uma junta de bois ia persuadindo movimento...», onde, como nos conta Joaquim Lei-

pelo decreto de 15 de Agosto, para «...estabelecer à sua custa, na estrada pública entre o Porto e a povoação da Foz, podendo prolongar-se até Matosinhos, um caminho de ferro para transportes de passageiros e mercadorias, servido por cavalos (rail road)»¹². Aparece assim, dois anos depois, o popular 'americano' que, pela marginal ao rio, é capaz de ir da Porta Nova à Foz em 25 minutos!

Após a autorização outorgada a Vieira de Castro e Evaristo de Pinto para estabelecerem, pelo 'sistema americano', o caminho de ferro pelas ruas da cidade, cria-se a Companhia de Carris de Ferro do Porto que o povo designa por 'companhia de cima', por oposição à anterior 'companhia de baixo' (Companhia Carril de Ferro de Americano do Porto à Foz e Matosinhos). A Foz passa a ser acessível por dois traçados ferroviários — o marginal e o que unia a Praça Carlos Alberto com o Largo de Cadouços¹³, passando pela Boavista (inaugurado em Agosto de 1874).

Se o desenvolvimento dos transportes foi a grande mola do progresso do turismo de Verão, o papel dos estrangeiros, nomeadamente o da extensa colónia inglesa do Porto, não pode ser subestimado, pois que «já em meados do século passado, muitas famílias da colónia britânica do Porto costumava fechar as suas casas da cidade (...) e vinham passar uns meses à beira mar, à Foz ou a Leça»¹⁴.

A Foz da segunda metade do século XIX torna-se cosmopolita!

No Verão chegam os banhistas, juntamente com os que procuram apenas a suavidade das temperaturas e/ou o acompanhar as exigências da moda e alguns vão edificando moradias onde residem na época estival. E pela tarde e no princípio da noite, os veraneantes passeiam-se pelo Jardim do Passeio Alegre, antes de 1888 um descampado poeirento e soalheiro com árvores raquíticas, que dava directamente para o mar, utilizado pelos pescadores para remendarem as redes e cavaquear ao sol.

«Morar ali todo o ano [contudo] parecia horrível à gente do Porto...»¹⁵ mas, para lá da comunidade de pescadores, começam já a fixar-se alguns portuenses, outros portugueses e mais ingleses que vão dar, sobretudo ao prolongamento da Foz para norte, ('Foz Nova') um

tão no seu *Guia Ilustrado da Foz, Matosinhos, Leça e Lavadores*, editado no Porto em 1907, «...tinha sempre lugar uma família até à 5.^a geração...», demorando 6 a 8 horas a jornada que unia a Rua dos Ingleses (Infante) à Foz.

¹² FIEL, J. — *Um Século da Atribulada História dos Transportes Públicos do Porto*, «O Tripeiro», Porto, Série Nova, Ano II, n.ºs 7 e 8, p. 196.

¹³ Hoje Praça Capitão Pinheiro Torres Meireles.

¹⁴ BASTO, A. M. — *A Foz Há 70 Anos*, Porto, Edição Colégio Brotero, 1939, p. 33.

¹⁵ BASTO, A. M. — *Ibid*, p. 32.

cariz muito especial: «O bairro ocidental é o inglês, por ser especialmente aí o habitat destes novos hóspedes. Predomina a casa pintada de verde escuro, de roxo terra, de cor de café, de cinzento, de preto... até de preto! — Arquitectura despretensiosa, mas elegante; janelas rectangulares; o peitoril mais usado que a sacada. — Já uma manifestação de um viver mais recolhido, mais íntimo, porque o peitoril tem muito menos de indiscreto do que a varanda. Algumas casas ao fundo de jardins assombrados de acácias, tílias e magnólias...»¹⁶.

A Foz cresce para norte, ao longo do mar e da estrada de Carreiros (ligação a Matosinhos), para cima do burgo (na Corguinha) e estendendo-se ao longo do rio, da Cantareira até Sobreiras (ver figura 1). Para lá destes limites, existiam apenas aldeias isoladas — como Nevogilde e Passos — e «...os passeios em geral não se estendem para além do Molhe, porque esses lugares ficavam demasiado longe, eram muito solitários e apareciam por lá gatunos...»¹⁷.

As praias mais frequentadas eram as do Caneiro (Grande e Pequeno) e a que, por ser preferencialmente procurada por parte de cidadãos britânicos, se veio a chamar dos Ingleses. A época balnear estendia-se de Agosto a Outubro, sendo a Foz servida por três hotéis, três restaurantes e diversos cafés. Directamente relacionados com as praias, existiam vários serviços de banhos (frios e quentes), aplicados em instalações existentes para o efeito e que evitavam aos veraneantes — vindos da cidade (mais numerosos em Agosto) ou do interior (que acorriam sobretudo em Setembro e Outubro) — a deslocação à praia de madrugada, onde banheiros se colocavam à disposição, para 'aplicação' de banhos de mar.

Para o interior entretanto, os núcleos de Nevogilde e Passos cresciam um pouco, impulsionados pela maior facilidade de comunicação e conseqüente melhoria no escoamento dos produtos agricultados. Embora estivesse ainda longe da dimensão de S. João da Foz do Douro a freguesia de Nevogilde tem já, em 1900, uns respeitáveis 1149 habitantes (o sêxtuplo do registado 36 anos antes), aumento este contudo que não é tanto fruto do desenvolvimento dos dois núcleos rurais, como da expansão a que aludimos já, da mancha construída da Foz para norte, para território administrativo de S. Miguel de Nevogilde. É a 'Foz Nova'! A 'Foz Velha', se a confundirmos grosseiramente com a freguesia de S. João da Foz do Douro, albergava na mesma altura mais de cinco milhares e meio de habitantes, cerca de 85% mais que os residentes em 1864.

Alguns, designadamente os pescadores, tinham (e têm!) alguma dificuldade em aceitar este prolongamento para norte, recusando-o

¹⁶ DINIS, J. — *Uma Família Inglesa*, Porto, Livraria Lello & Irmão, s/ data, p. 51.

¹⁷ BASTO, A. M. — *Op. Cit.*, p. 38, 1939.

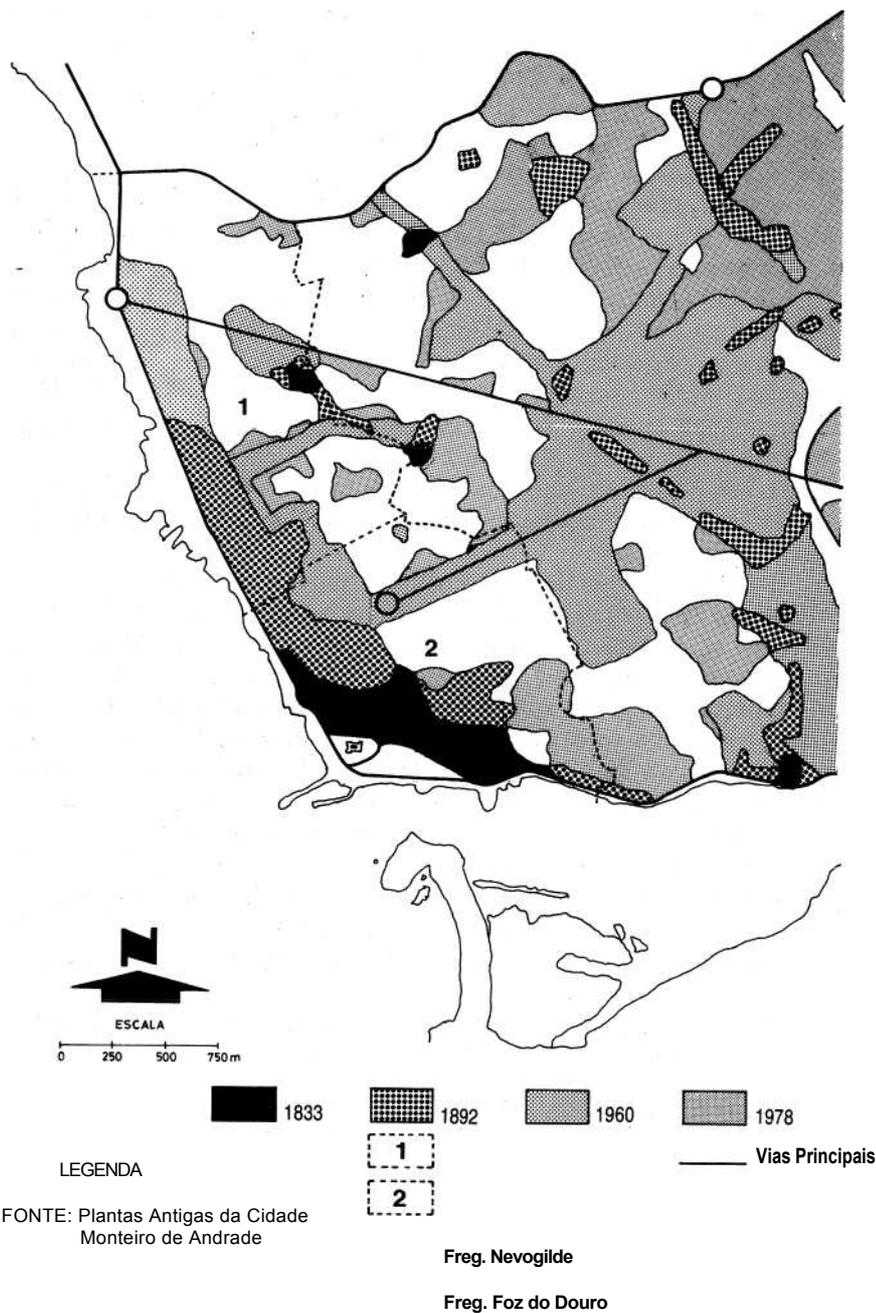


Fig. 1 - Evolução da mancha construída

como parte integrante da Foz. Raul Brandão, exprimindo esse sentir, dizia que a Foz era «...a Corguinha, o Castelo e o Monte, com o rio da Vila a atravessá-la, e a rua da Cerca até ao Farol. O que está para lá não existe»¹⁸. E, ainda que a visão limitante de Raul Brandão tenha perdido muita da acuidade, ainda há alguns anos uma certa rivalidade era traduzida na designação de 'manteigueiros' com que os residentes da Cantareira apelidavam os que moravam para lá do Farol (Monte de Nossa Senhora da Luz), ao que estes respondiam chamando 'vareiros' aos da Cantareira.

O século XX traz os sucessores do 'americano'. A tracção animal é substituída pelo vapor, podendo ver-se ainda hoje testemunhos do percurso da 'máquina', como a Rua do Túnel, o caminho junto à Quinta da Ervilha ou a ponte sobre a Rua de Tânger. Pouco depois é a electricidade que faz mover uma frota crescente que se serve de linhas diversificadas. O processo é imparável e chegam o automóvel e o autocarro, que vêm dar uma mobilidade antes impensada, capaz de colocar a alguns minutos do local de trabalho, residentes afastados largos quilómetros.

O Porto cresce consideravelmente e uma fixação próxima ao centro da cidade não responde já aos interesses de muitos dos moradores, com capacidade em muitos casos de pagar o elevado preço que se começa a praticar na Foz, por um solo inflacionado devido a razões de natureza paisagística e até a um certo prestígio advindo do estabelecimento da colónia britânica e da qualidade das moradias que se vão edificando. Esta área vê assim largamente incrementada a recepção de 'estranhos' à sua vocação piscatória e rural e, para lá da ocupação de interstícios entre construções previamente edificadas, assiste-se à urbanização ao longo da Avenida Marechal Gomes da Costa e ao espraiair da mancha construída da 'Foz Nova': o crescimento da população da freguesia de Nevogilde é de cerca de 800% entre 1878 e 1930 e o ritmo manter-se-á significativamente superior ao do Porto até 1960 (ver quadro I).

O carácter turístico amplia-se e transforma-se. Às praias inicialmente frequentadas do Caneiro¹⁹ e dos Ingleses, acresce-se o aprovei-

Quadro I-EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO, DE 1878 a 1981 (n.º de habitantes)

	1878	1890	1900	1911	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1981
Freg. Nevogilde.....	301	690	1149	1575	1887	2485	2419	4229	5290	4288	5674
Freg. Foz do Douro...	3777	5090	5575	6998	7751	8088	8491	9890	10891	10316	13266
Concelho do Porto.....	110707	146454	165129	191890	202316	229794	258548	281406	303424	316437	327368

¹⁸ BRANDÃO, R. — *Op. CiL*, p. 27.

¹⁹ Hoje Praia da Nossa Senhora da Luz.

tamento de toda a linha de costa do concelho do Porto; a 'Foz Nova' retira à 'Velha' alguma da sua importância em matéria de quantidade e sobretudo qualidade de comércio e serviços.

A partir de meados do século, assiste-se ainda à construção de alguns 'bairros sociais', destacando-se o Grupo de Moradias Populares da Pasteleira, destinado a albergar importantes quantitativos populacionais. Este e os bairros vizinhos do Marechal Gomes da Costa, Social da Pasteleira e Pasteleira-Sul, 'muram' a Foz a nascente.

Cresce para leste, cresce também junto à Rua do Crasto, à Rua de Fez e em pequenas extensões aqui e acolá. Mas a Foz cresce sobretudo no seu interior, modificando-se...

MORFOLOGIA URBANA

Foi com a análise do processo histórico vivido e depois de estudadas as características dos espaços construídos, de circulação e verdes, vistos na sua repartição territorial, que pudemos estabelecer 10 estruturas morfológicas distintas, cujos limites não devem ser encarados com rigor, mas antes como uma aproximação à fronteira entre áreas cuja individualização pensamos deixar justificada (figura 2).

A área por todos designada por Foz Velha corresponderá, 'grosso modo', ao espaço que apresentava carácter de formalmente estabilizado em finais do século passado. Trata-se do núcleo pioneiro do povoamento na metade meridional do território da Foz e, como vimos, o aglomerado que já desde épocas remotas se afirmou como o principal na faixa ocidental do que hoje constitui o município do Porto.

Caracteriza-se morfológicamente pela pouca altura dos edifícios, assim como pela inexistência de espaço verde público²⁰ e pelo traçado irregular das suas ruas.

A densidade dos edifícios é elevada, apesar da grande profundidade de alguns dos lotes. As casas são estreitas, em geral coalescentes e é raro terem mais de dois pavimentos, excepto nas ruas do Passeio Alegre e do Padre Luís Cabral. Compreensivelmente, o coeficiente de ocupação do solo (C.O.S.) ronda os $2\text{m}^3/\text{m}^2$ ²¹.

No núcleo antigo podem ainda ver-se alguns belos jardins priva-

²⁰ Se se exceptuar o tardio Jardim do Passeio Alegre (1888), fruto do entulhamento de um antigo areal.

²¹ O coeficiente de ocupação do solo (C.O.S.) calcula-se através da fórmula:

$$\frac{\text{área construída} \times 3}{\text{área da faixa de 30 m}}$$

sendo o resultado expresso em metros cúbicos por metros quadrados, traduzindo a relação entre o volume construído e a área fundiária situada nas proximidades de uma via de circulação.



Fig. 2 — Estruturas morfológicas

dos, frequentemente escondidos por detrás de muros altos, ou mascarados pelo casario, dos quais sobressai nalguns casos uma araucária, palmeira ou pinheiro. São estes jardins, a par de pequenas hortas relativamente abundantes que, com a reduzida dimensão dos prédios conferem a esta área uma dimensão agradável, mais humana.

A homogeneidade do tecido urbano é inegável. Contudo, é possível verificar-se uma distinção entre a Cantareira e o espaço restante: na primeira, as vias, muito estreitas, cruzam-se formando entre si um imbricado sem qualquer regularidade aparente, a que se soma o acantonado das casas, num resultado que aparenta algum caotismo; no restante, é notório o significado da Rua do Padre Luís Cabral na organização geral de um plano em que esta via se assume como eixo principal de um reticulado pouco claro. No todo, a 'Foz Velha' tem sem dúvida um carácter de antiguidade indisfarçável, onde a topografia terá tido uma importante palavra na consolidação de uma estrutura que se desenvolveu naturalmente, pouco a pouco, ao longo de um extenso processo histórico, na definição de um plano urbano que se pode considerar geomórfico.

Relativamente ao passado recente, parece-nos importante referir que os novos edifícios que se elevam, de forma contrastante na harmoniosa silhueta (merecendo realce o recém-concluído no encontro da Rua do Paraíso da Foz com a Rua do Padre Luís Cabral), fazem perigar a qualidade paisagística da área, mostrando-se inadequados e evidenciando um claro desrespeito pelo secular equilíbrio entre os volumes construídos pré-existentes.

Muitos serão possivelmente levados a considerar a área de formato triangular delimitada pelas ruas de Diu e da Cerca, como parte integrante da 'Foz Velha'. Todavia, características diversas se começam já a manifestar aqui que aconselham a distinção.

Neste triângulo que entendemos designar por Cadouços por tal local ocupar o centro da área, as construções possuem já um desenvolvimento vertical superior ao da 'Foz Velha' e o carácter compacto da estrutura adquire feição distinta: é mais elevada a densidade de construção, assim como o C.O.S. São no entanto as vias, rectilíneas, que melhor marcam a diferença, observando-se nesta pequena área a forma harmoniosa como o geomorfismo do plano urbano da 'Foz Velha' se encontra — e interliga de forma exemplar — com o ortogonalismo da 'Foz Nova', aqui se efectuando a união entre um espaço urbano implantado numa encosta voltada para sul e para o rio e um outro que se liga directamente com o mar e que se dispõe ao longo de uma linha de costa de orientação sensivelmente NW - SE.

A riqueza da estrutura que relaciona o geomorfismo com o ortogonalismo através de um plano urbano com algumas características de

rádio-concentrismo, é acrescida ainda pelas pequenas praças que o encontro das duas malhas proporciona e que muito auxiliam a uma perfeita articulação entre os dois tipos de estrutura morfológica que aqui se encontram.

Pela designação 'Farol' identifica-se uma área de dimensão bastante reduzida, mas em nossa opinião merecedora de uma consideração especial, pelas características muito próprias que possui.

A escassa dimensão não permite encaixar facilmente o seu plano urbano na tipologia habitual. Contudo, o Monte de Nossa Senhora da Luz, de 38 metros de altitude e acentuado declive das suas vertentes, obrigou a uma adaptação às condições topográficas que ficou bem testemunhada pelo túnel existente sob o monte e pelo arredondado das vias que o contornam a sul e a leste.

A altura média das construções é muito baixa e a densidade do espaço construído relativamente elevada (C.O.S. = $2.4 \text{ m}^3/\text{m}^2$), sendo que a originalidade da área lhe é conferida sobretudo por dois factores: o farol (Monte de Nossa Senhora da Luz) e o túnel, que dão os seus nomes a 5 vias deste pequeno e curioso território (Rua do Farol, Rua Monte da Luz, Travessa do Monte da Luz, Rua do Túnel e Rua Nova do Túnel).

A 'Foz Nova', como vimos já aquando da compreensão da evolução da mancha construída, corresponde à área urbanizada ao longo do mar a partir de meados do século passado, constituindo assim uma 'nova' expansão do primitivo núcleo para norte.

Trata-se de um espaço animado de um processo de transformação particularmente activo, tendendo a aumentar as alturas dos edifícios e a relação espaço construído/espaço livre²². Esta dinâmica actuou mais acentuadamente a sul que a norte e parece ser actualmente inverso o sentido da modificação, que tem consistido na substituição de vivendas rodeadas por jardins ou pequenas moradias, por prédios altos, destinados à ocupação polifamiliar. Já em 1973 Pereira de Oliveira referia que «nos nossos dias nota-se uma tendência para o abandono deste tipo de residência [a vivenda e] em contrapartida desenha-se um movimento no sentido dos andares em propriedade horizontal...»²³.

Se a área é pois heterogénea na perspectiva da morfologia do espaço construído, coexistindo moradias de arquitectura cuidada (e 2 ou

²² Os prédios com 3 ou mais pavimentos representavam em 1960 cerca de 18% do total, correspondendo entretanto a 80% de todas as construções realizadas no período 1960-1978 e a praticamente 100% das levadas a efeito desde então.

²³ OLIVEIRA, J. M. P. DE — *O Espaço Urbano do Porto, Condições Naturais e De desenvolvimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1973, p. 369.

3 pavimentos), com blocos de betão de data recente (habitualmente com 4 a 9 pavimentos)²⁴, o espaço de circulação, bem menos sujeito a transformações de vulto e a forma como com ele se relacionam as construções, destriça esta área das demais que constituem as peças do mosaico morfológico da Foz. A perfeição do reticulado é o traço mais característico deste espaço que tem uma personalidade muito própria no espaço urbano considerado, com os seus quarteirões de forma geométrica bem definida, onde as moradias, regra geral recolhidas atrás dum belo jardim, têm um toque de intimidade que contrasta com as construções mais recentes.

O desenvolvimento dos pequenos núcleos habitacionais de Nevogilde e Passos fez-se numa intensa dependência da prática agrícola. Esta origem marcou a fisionomia dos espaços e ainda nos nossos dias é possível apercebermo-nos de tal relação, se bem que as marcas de ruralidade tenham vindo a perder a sua força de forma acentuada ao longo das últimas décadas. Ainda assim, entre os espaços construídos é possível encontrar casas antigas, invariavelmente de dois pavimentos, onde a própria natureza arquitectónica, caracterizada entre outros aspectos pelos típicos anexos, demonstram de forma clara uma ligação entre estes edifícios e o espaço rural.

Trata-se, em síntese, de um espaço mais voltado para o interior que para o rio ou o mar, no qual se pode verificar uma certa homogeneidade: os prédios raramente ultrapassam os 3 pavimentos, as vias denotam de forma genérica um cunho geomórfico e os campos, extensos e cuidados, mostram que a agricultura tem ainda um significado para o núcleo populacional que rodeiam.

Enquanto os eixos de orientação NW-SE que cortam o território ajudam sempre a definir áreas intensamente urbanizadas (excepto a norte da Praça Gonçalves Zarco), os que ligam a Foz ao centro da cidade, de orientação sensivelmente perpendicular, denotam uma maior importância da função de relação que da de suporte de urbanização, embora adquiram relevância diferente as avenidas da Boavista e do Marechal Gomes da Costa, das ruas do Molhe e do Crasto. Conquanto se possam estas vias distinguir ainda quanto ao tipo de construção que ocupa as suas margens, interessa-nos aqui sobretudo pôr em evidência a homogeneidade resultante dum crescimento linear, feito essencialmente com base na *moradia* como padrão construtivo.

²⁴ A norte da Rua da Agra e a sul das ruas de Pêro da Covilhã e de Cabo Verde particularmente, foram construídos recentemente alguns edifícios de grande volume, tirando partido de algum espaço então ainda livre. Entre estes merece destaque especial pelo seu gigantismo, o situado junto ao cruzamento da Rua de Gondarém com a de Pêro de Alenquer e que com os seus 16 pavimentos atinge praticamente os 50 m de altura.

Estas áreas são marcadas pelas determinações urbanísticas que estiveram normalmente subjacentes à abertura da via e os edifícios, de alçados cuidadosamente pensados, grande dimensão horizontal, reduzida altura e só excepcionalmente ocupados por mais que uma única família, levam-nos desde já a atribuir aos seus moradores um estatuto sócio-económico privilegiado no quadro da Foz, e do Porto em geral. Se acrescentarmos, na compreensão formal da estrutura, que o espaço verde é significativo, entender-se-á com facilidade que o C.O.S. tenha um valor de cerca de $1 \text{ m}^3/\text{m}^2$.

Com a individualização dum conjunto de áreas que apelidamos de inconsistentes, pretende-se agrupar as situações em que é nítida a ausência de planeamento e onde os espaços, tal como se mostram, têm características que nos levam a reconhecer um desenvolvimento espontâneo, de implementação relativamente recente. São falsas estruturas, relativamente às quais é evidente uma dificuldade de inserção, atestada aliás pelo seu relativo isolamento.

Tratam-se de áreas onde a uma certa precaridade das construções (de apenas 1 ou 2 pavimentos, regra geral), se somam ruas por pavimentar e caminhos de pé posto, numa imagem que apresenta um aspecto de indefinida provisoriedade. A inexistência de lotes claramente demarcados, a grande variação na dimensão dos edifícios e a desigual disposição destes relativamente às vias que os servem, mais acentua o carácter de inacabado que o conjunto revela, com os espaços verdes imprecisos e diminuídos por anexos de apoio à habitação ou de suporte a actividades de envergadura económica reduzida.

Na caracterização sumária da morfologia das áreas urbanizadas da Foz, convém agora identificar um outro tipo de situação que se individualiza essencialmente por um certo distanciamento relativamente à mancha construída. Podemos subdividir estas construções em três grandes grupos, estabelecidos de acordo com os reflexos formais da função a que foram vocacionados:

- a) Edifícios de cunho marcadamente rural, estruturas herdadas que vão diminuindo ao ritmo a que os campos agrícolas desaparecem;
- b) Construções ligadas ao turismo, recreio e desporto, situadas na sua maioria junto ao mar e ao rio;
- c) Edifícios de natureza monumental e outros ligados a funções de interesse público que apresentam posicionamento semelhante às construções anteriormente referidas.

Sob a designação genérica de conjuntos projectados, pretende-se abarcar aqueles grupos de edifícios, ruas e jardins que pela sua arquitectura e dimensão se salientam no território em estudo, desprezando-

-se aqui situações similares que mereceram já menção relativamente à estrutura morfológica onde se inserem. Trata-se pois, neste caso, de colocar em evidência a ocupação de superfícies significativas por implantações recentes, situadas em áreas periféricas à mancha construída.

A maioria destes conjuntos edificaram-se nos últimos dez anos e ligam-se a interesses privados. Contudo, em face da semelhança de características dos espaços fundamentais que os constituem, não podemos deixar de incluir também neste grupo os bairros da Rainha D. Leonor e da Previdência da Pasteleira.

No primeiro, embora a altura das construções se enquadre harmoniosamente com os prolongamentos para nascente da 'Foz Velha' (Rua da Quinta e do Passeio Alegre), a regularidade na disposição das moradias de 2 pavimentos e as características dos espaços livres revelam já a intervenção do planeamento, cujos reflexos se traduzem por uma expressão claramente distinta do geomorfismo do núcleo antigo da Foz: os blocos de moradias coalescentes são em elevado número e arquitectonicamente uniformes; as ruas estreitas mas bem pavimentadas mostram nitidamente a sua função de exclusivo acesso à habitação; os espaços verdes, bem delimitados, traduzem fielmente o loteamento prévio efectuado. O Bairro da Previdência da Pasteleira, por seu turno, enquadra-se já numa outra filosofia urbanística e embora resulte como o anterior da intervenção dos poderes públicos, a sua expressão é diversa: os prédios são ocupados por elevado número de famílias, têm 5, 6 ou 14 andares e o espaço verde, existente em torno dos 'blocos', destina-se ao logradouro de todos os residentes do bairro. O C.O.S. é elevado — $4.96\text{m}^3/\text{m}^2$.

Agrupamos ainda neste tipo de estrutura morfológica quatro grandes complexos habitacionais que são conhecidos pelas designações de Parque Foz, Pinhais da Foz, William Graham e Quinta Miramar. Conquanto se encontrem separados e sejam da responsabilidade de iniciativa privada distinta, são muito similares os aspectos que ajudam a defini-los quanto à sua morfologia: elevada compacidade (com grande desenvolvimento vertical das construções), vias bem pavimentadas ligadas à serventia dos moradores e espaços verdes pouco extensos e com ajardinamento que visa baixos custos de manutenção.

É este tipo de estrutura morfológica o mais propício aos interesses dos investidores e o mais adaptável aos elevados preços dos terrenos que aqui se praticam. Convém porém lembrar das desvantagens de natureza paisagística e ambiental que advêm da edificação destes prédios, descaracterizantes e alteradores da fisionomia do tecido urbano quando em contraste directo com estruturas já consolidadas e inductores sempre de fortes acréscimos populacionais, com as conseqüentes sobrecargas ao nível das infraestruturas de adução de água, saneamento e outras. Acarretarão ainda cargas significativas para os

eixos viários que unem esta área com o centro da cidade, pois que é lógico pensar que as taxas de motorização sejam elevadas e é sabido e que enquanto na Foz predomina a residência, o emprego está no Porto bastante concentrado em volta do seu núcleo central de comércio e serviços.

É um facto a expansão recente deste tipo de estrutura²⁵. Igualmente inegável é que esse avanço se faz sobre solos de elevada aptidão para a prática agrícola²⁶. Impõe-se neste domínio, a nosso ver, uma opção que resulte do conhecimento profundo do território e da compreensão dos interesses em jogo e que, sendo realista e pragmática, deverá passar pela procura de soluções que atendam ao respeito pela morfologia dos espaços urbanizados e ao potencial dos solos. Não se nos afigura defensável como princípio o imobilismo, a rigorosa manutenção do 'status quo'. Pensamos sim que conhecido o processo e os actores intervenientes, importa assumir o controlo, de molde a que riquezas ambientais se não percam irremediavelmente, quer através da irregulada ocupação dos excelentes solos agrícolas, quer através do preenchimento de interstícios na mancha construída, ou da substituição de imóveis por outros que descaracterizam um tecido tão rico em ambientes harmoniosos, agradáveis ao viver da população residente e atractivos àqueles que ocorrem à Foz periódica ou esporadicamente.

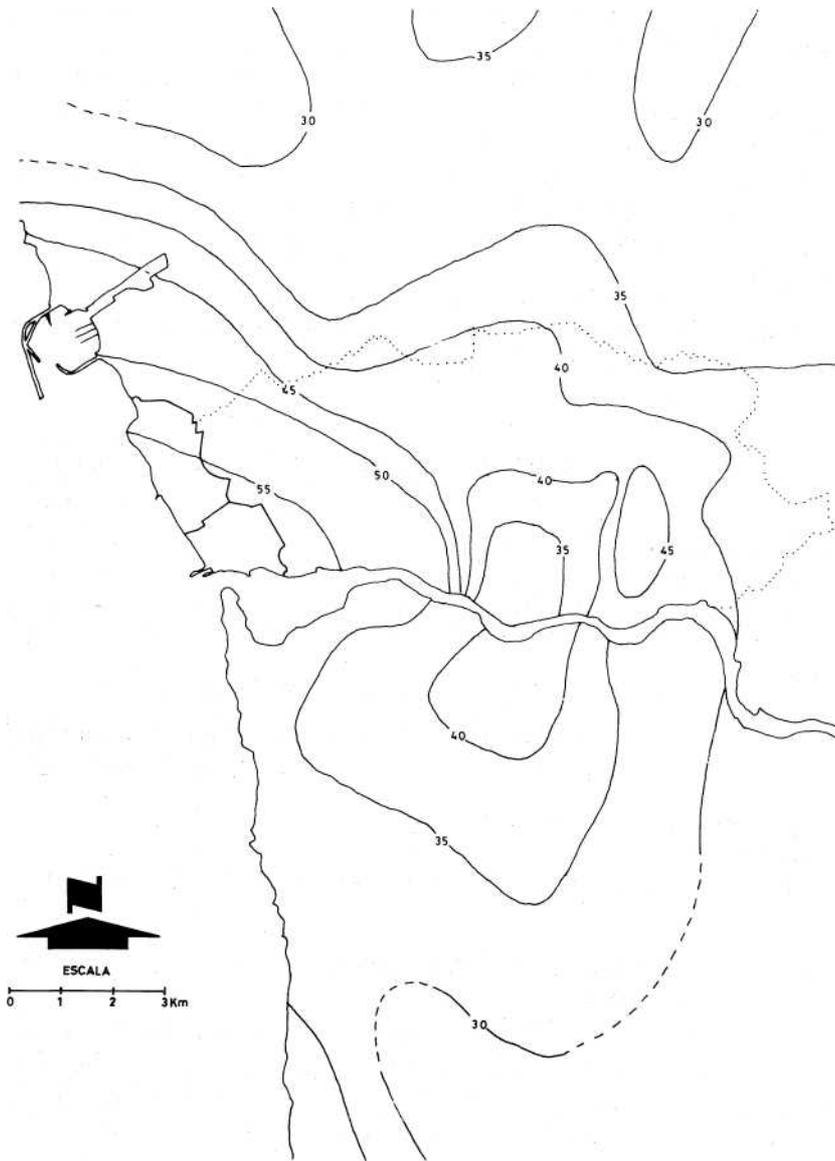
RESIDÊNCIA

É sabida a importância, em termos de ocupação do espaço construído, da residência na cidade em geral. É para lá do centro da cidade e da área habitada pelos trabalhadores — e como Burgess refere na formulação do seu modelo, chamado das 'zonas concêntricas'²⁷ — que se situarão as moradias unifamiliares e os edifícios de apartamentos ocupados pela 'classe alta'. A Foz, após o surto de urbanização que conheceu em finais do século passado e que se manteve intenso até aos nossos dias situa-se nesta área, tendo atraído e continuando a atrair a fixação de indivíduos pertencentes a estratos sócio-económicos elevados. Pode-se paralelamente falar de um avanço segundo um sector

²⁵ Veja-se que de 1984 até à data se assistiu não só ao completar dos conjuntos 'Pinhais da Foz', 'William Granam', 'Quinta Miramar' e 'Conjunto Residencial Foz Velha', como à edificação de séries de blocos junto à Rua do Carvalho e a norte da Praça do Império.

²⁶ Note-se que a área agricultada diminuiu de 117.8ha para cerca da metade (63.5ha) no intervalo de 16 anos entre 1962 e 1978, nada permitindo supor que de então para cá a evolução se tenha alterado.

²⁷ Cit, in HOYT, H. — *The Pattern of Movement of Residential Rental Neighborhoods* in «Readings in Urban Geography», Harold M. Mayer e Clyde F. Kohn, Chicago, The University of Chicago Press, 7.^a edição, 1969.



Fonte: *Jornal de Notícias*, Abril e Maio 1984

Fig. 3 — Isopreços da habitação (milhares de escudos/m²)

(embora de forma algo diversa da que Hoyt identificou em cidades estadunidenses)²⁸ da habitação da 'classe alta' para oeste, efectuando-se a ligação entre a Boavista e a Foz a breve trecho, a manter-se o ritmo de tal avanço. A progressiva 'invasão' dos núcleos de Nevogilde e Passos por vivendas e o preço de vendas dos apartamentos em que se subdividem os blocos que se têm vindo a construir na área ocidental da cidade confirmam a ideia, fazendo prever todo um alastramento da residência de 'classe alta' a caminho da linha da costa e da Foz do rio Douro.

Predominam, na Foz como em todo o Porto, os alojamentos clássicos em regime de aluguer, ocupados por apenas uma família e com boas condições de habitabilidade (quadros 2, 3 e 4).

Quadro II —REGIME DE OCUPAÇÃO (N.º de Famílias)

	Proprietárias		Aluguer		Sub-Aluguer		Outros	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Freg. de Nevogilde ..	620	40,3	819	53,2	18 51	1,2	82 77	5,3
Freg. Foz do Douro ..	854	24,6	2495	71,8	1240	1,4	2128	2,2
Concelho do Porto ...	22195	23,0	70450	73,3		1,5		2,2

Quadro III —CONDIÇÕES DE HABITABILIDADE (N.º de Famílias)

	Vivendo Só		Partilhando		Superlotados		S/ Água e Elec	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Freg. de Nevogilde ..	1480	94,9	79 115	5,1	167	10,7	15 20	1,9
Freg. Foz do Douro ..	3351	95,6	9598	4,4	663	19,9	337	0,6
Concelho do Porto ...	87431	90,1		9,9	20442	21,11		0,4

Quadro IV — ALOJAMENTOS CLÁSSICOS OCUPADOS SEGUNDO O NÚMERO DE DIVISÕES

	2 divisões		3 divisões		4 divisões		5 divisões		6 divisões		7 divisões		8 divisões	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Freg. Nevogilde ..	63	4.2	147	9.9	217	14.6	262	17.6	322	21.6	170 241	1.4	116	7.8
Freg. Foz do Douro ..	147	4.3	372	11.0	819	24.2	949	28.0	494	14.6	4740	7.1	137	4.1
Concelho do Porto ..	5652	6.3	16644	18.4	24858	27.5	21936	24.3	10882	12.1		5.2	2257	2.5
			Total											
Freg. Nevogilde ..	192	2.9	1489	100										
Freg. Foz do Douro ..	225	6.7	3384	100										
Concelho do Porto ..	3319	3.7	90288	100										

²⁸ HOYT, H. — *Op. CU.* 30



Fig. 4 — Unidades territoriais de base

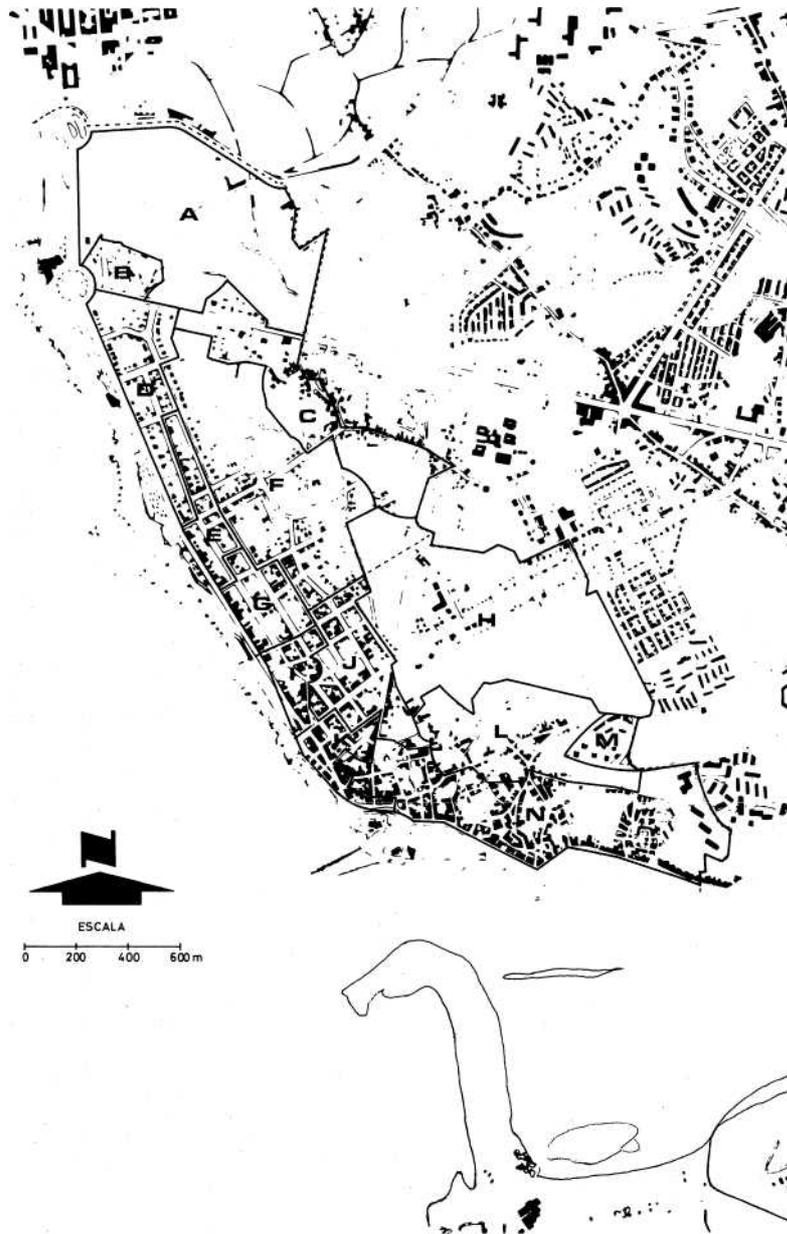
A freguesia de Nevogilde é, no Porto, a que apresenta os valores mais elevados de habitação própria (40.3%) e os menores de alojamentos superlotados (10.7%), registando entretanto um número considerável, em termos relativos, de alojamentos não clássicos (barracas e outros), dados que permitem supor da presença de significativo número de indivíduos economicamente bem posicionados na metade setentrional da área. S. João da Foz, entretanto, no que a estes indicadores diz respeito, revela um comportamento diferenciado, mais semelhante ao do município do Porto, sendo digno de nota a pouca expressão percentual de situações de partilha de alojamento.

Quadro V —INFORMAÇÃO DE BASE RELATIVA AOS QUARTEIRÕES DA FOZ
(Continuação)

Quart.	Pop.	Area (ha)	Dens. Pop.	Famílias	Pes/Fam	Alojam.	Edif.	Aloj/Edif	Pavim.	Pav/Edif
67		1.022								
68	193	0.594	325.2	55	3.5	52	19	2.74	49	2.58
69	34	3.657	9.3	13	2.6	14	12	1.17	23	1.92
70	289	2.454	117.8	100	2.9	84	38	2.63	97	2.55
71	2199	4.253	517.1	448	4.9	445	25	17.80	231	9.24
72	39	0.161	242.2	17	2.3	22	13	1.69	27	2.08
73	223	0.519	429.7	58	3.8	58	24	2.42	54	2.25
74	84	0.452	186.0	36	2.3	24	19	1.26	53	2.79
75	93	0.177	526.9	24	3.9	24	13	1.85	34	2.62
76	173	4.863	16.3	48	3.6	49	29	1.69	42	1.45
77	110	0.263	418.3	34	6.9	37	16	2.31	35	2.19
78	41	0.532	77.1	13	4.6	14	9	1.56	10	1.11
79	99	0.253	391.3	29	6.6	30	15	2.00	38	2.53
80	139	0.394	353.2	47	5.0	51	28	1.82	66	2.36
81	12	1.170	10.3	3	4.0	3	3	1.00	5	1.67
82	167	0.472	353.8	53	3.7	54	45	1.20	63	1.40
83	60	0.709	84.7	14	5.0	14	12	1.17	21	1.75
84	63	0.295	213.9	18	4.2	18	15	1.20	23	1.53
85	49	0.945	51.9	16	4.1	14	12	1.67	25	1.08
86	65	0.12	580.4	19	3.4	19	9	2.11	13	1.44
87	68	0.150	453.3	22	4.0	20	17	1.76	36	2.12
88	25	0.045	561.8	13	3.1	16	8	2.00	34	4.25
89	143	0.805	177.8	39	4.2	42	34	1.24	87	2.56
90	25	0.029	877.2	6	5.0	11	5	2.20	15	3.00
91	62	0.419	148.1	15	6.2	16	10	1.60	21	2.10
92	62	0.975	63.6	16	4.4	16	14	1.42	32	2.29
93	57	0.067	857.1	21	2.7	19	11	1.73	31	2.82
94	126	0.410	307.3	36	3.5	36	23	1.20	48	2.09
95	181	0.294	616.7	62	2.9	56	39	1.44	94	2.41
96	111	0.774	143.4	37	3.0	37	29	1.28	50	1.72
97	97	1.517	564.0	30	2.2	30	19	1.58	22	1.16
98	48	0.108	444.4	15	3.2	15	8	1.88	29	3.63
99	83	0.504	164.7	27	3.1	26	20	1.30	35	1.75
100	15	0.049	309.3	6	2.5	5	5	1.00	10	2.00
101	171	0.648	263.9	44	3.9	44	20	2.20	48	2.10
102	100	0.459	217.9	29	3.4	31	22	1.41	42	1.91
103	64	0.269	238.4	21	3.1	20	15	1.25	20	1.33
104	146	0.879	166.2	47	3.1	49	38	1.29	62	1.63
105	1219	3.406	357.9	304	4.0	288	257	1.12	514	2.00
106	228	0.795	287.0	63	3.6	62	45	1.38	81	1.80
107	229	0.481	476.6	65	3.5	75	19	4.17	68	3.58
108	67	0.121	557.7	24	2.8	18	14	1.29	31	2.21
109	257	1.342	191.6	78	3.3	82	51	1.61	91	1.78
110	22	0.189	116.4	4	5.5	5	5	1.00	15	3.00
111	145	0.783	185.3	37	3.9	33	27	1.22	51	1.89
112	137	0.365	101.4	41	3.3	41	20	2.05	38	1.90
113	45	0.088	552.1	14	3.2	13	11	1.18	19	1.73
114	85	0.465	182.8	23	3.7	23	17	1.35	37	2.18
115	154	1.064	144.8	46	3.4	48	30	1.60	52	1.73
116	23	0.140	200.7	7	3.3	6	4	1.50	7	1.75
117	36	0.113	320.0	10	3.6	11	10	1.10	10	1.00
118	66	0.148	447.5	18	3.7	19	17	1.12	30	1.77
119	384	1.784	215.2	111	3.5	117	86	1.36	158	1.84
120	448	6.229	71.9	136	3.3	139	83	1.67	114	1.37
121	9	0.49	183.7	2	4.5	2	2	1.00	3	1.50
122	34	0.140	243.7	8	4.3	9	6	1.50	8	1.33
123	34	0.553	43.4	9	2.7	8	8	1.00	15	1.88
124	219	0.863	253.8	59	3.8	61	33	1.79	50	1.52
125	164	0.382	429.3	43	3.8	44	33	1.33	67	2.03
126	57	0.090	633.3	13	4.4	15	13	1.15	16	1.23
127	38	0.336	113.1	8	4.8	9	9	1.00	26	1.89
128	29	0.050	558.9	10	2.9	11	10	1.10	15	1.50
129	51	0.052	980.8	10	5.1	10	6	1.67	10	1.67
130	91	0.552	164.9	25	3.6	26	20	1.30	31	1.55
131	60	0.265	226.8	16	3.8	19	15	1.27	35	2.33
132	63	0.150	421.4	17	3.7	18	12	1.50	25	2.08

Fig. 5 — Estruturas Residenciais A Foz

34



Também relativamente à tipologia dos alojamentos, segundo o número de divisões que possuem, foi possível dispor de dados apenas a níveis de desagregação territorial menor que a freguesia. Assim, é-nos possível verificar que a Foz, na sua totalidade, apresenta percentagens superiores às concelhias de alojamentos com mais de 5 divisões. Confirma tal facto um maior desafio económico por parte dos habitantes da Foz, se bem que os valores médios mascarem situações de forte desequilíbrio que sabemos existirem. Confirma-se igualmente uma distinção interna, pois que enquanto S. João da Foz tem maiores percentagens de alojamentos com 2, 3 e sobretudo 4 e 5 divisões, Nevogilde apresenta valores superiores de alojamentos com 6 ou mais divisões. A diferença entre os três territórios considerados marca-se ainda, esclarecedoramente, pela classe correspondente à moda de cada um deles: concelho do Porto, freguesia da Foz do Douro e freguesia de Nevogilde — 4, 5 e 6 divisões/alajamento, respectivamente.

Após um estudo que incidiu sobre o modo como se comportam os 132 quarteirões em que se retalhou o espaço urbano da Foz relativamente a diversos indicadores (veja-se quadro V), foram tomados em consideração, em conjunto, os valores relativos à densidade populacional, dimensão do agregado familiar, grau de subdivisão dos edifícios em alojamentos e seu desenvolvimento vertical (em número de pavimentos). Feita a normalização dos valores, de forma a permitir a comparação dos quantitativos, procedeu-se de seguida, de acordo com o método conhecido por 'análise de clusters', ao cálculo das 'distâncias' entre cada unidade territorial de base (no caso, o quarteirão) e

Quadro VI — ESTRUTURAS RESIDENCIAIS > — Dados > Base de

ER.	Pop.	Área (ha)	Dens. Pop.	Famílias	Pes/Fam	Alojam.	Edif.	Aloj/Ed	Pavim.	Pav/Ed.
A	49	35.3	1.39	13	3.77	10	7	1.43	67	1.17
B	440	3.9	112.82	139	3.17	113	52	2.54	67	1.29
C	550	21.7	25.34	161	3.42	138	114	1.21	223	1.96
D	661	13.8	47.89	192	3.44	223	113	1.97	357	3.16
E	1191	5.6	212.67	340	3.50	380	107	3.55	461	4.31
F	1408	35.3	39.88	384	3.67	430	223	1.93	576	2.59
G	1151	6.2	185.64	325	3.54	368	138	2.67	463	3.36
H	515	51.2	10.06	113	4.56	119	117	1.02	303	2.59
I	1020	4.3	237.21	316	3.23	504	169	2.98	363	2.15
J	1480	11.1	133.33	438	3.38	422	264	1.60	595	2.25
K	1363	3.9	349.49	528	2.58	530	291	1.82	706	2.43
L	541	13.8	39.20	154	3.51	156	108	1.44	175	1.62
M	2199	4.3	515.65	448	4.91	231	13	17.78	105	8.08
N	5177	26.6	221.23	1430	3.62	1456	1103	1.32	2228	2.02

todas as restantes, de modo a informar a semelhança ou distinção entre unidades de base relativamente próximas. Determinaram-se deste modo 14 áreas distintas, cujas compactividades e diferencialidades permitiram avaliar a 'força' da identidade das estruturas assim definidas (semelhança entre os quarteirões que as constituem e maior ou menor diferença com as áreas vizinhas).

Quadro VII — ESTRUTURAS RESIDENCIAIS — Compactividades e Diferencialidades

Reg. Resid.	Compactividade	Diferencialidade	
A	13.0	A-B	64.5
		A-C	32.0
		A-D	40.2
B	47.7	B-D	59.9
		C-D	37.6
C	14.0	C-F	28.6
		C-H	35.0
		D-E	75.6
D	50.5	D-F	42.3
		E-F	67.8
E	54.0	E-G	48.4
		F-H	39.9
F	35.0	F-J	34.4
		G-I	45.8
G	34.5	G-J	35.6
		H-J	48.9
		H-L	35.7
H	41.2	H-M	471.5
		I-J	38.2 I-
1	42.4	K	76.8
		J-K	86.9
		J-L	33.8
J	31.0	J-N	43.2
		K-N	74.8
K	57.9	L-M	454.1 L-
		N	56.9
L	23.6	M-N	71.3
			—
M	—		
N	50.4		

OCUPAÇÃO FUNCIONAL

«As cidades devem a sua existência à presença de certas actividades sociais e económicas que requerem uma concentração de pessoas,

edifícios e máquinas em áreas relativamente reduzidas»²⁹. O estudo destas actividades tem pois que entender-se como um dos aspectos fundamentais de um trabalho que visa em última análise a definição de áreas que pelo conjunto das suas características revelem uma vi-
vência própria, que importa reter e considerar em acções de planeamento urbanístico.

Com vista à obtenção de uma primeira imagem do significado da ocupação funcional, foi possível retirar algumas ilações que se prendem com o número e dimensão (em quantidade de postos de trabalho) das unidades funcionais sediadas na Foz.

Quadro VIII — UNIDADES FUNCIONAIS E POPULAÇÃO ACTIVA NO LOCAL DE TRABALHO (INDÚSTRIA)

	UNIDADES FUNCIONAIS						POPULAÇÃO ACTIVA						POP. ACT./UN. FUNC.		
	F. Nevogilde		F. Foz do		Cone. Porto		F. Nevogilde		F. Foz do		Cone. Porto		Freg. Nevog.	Freg. Foz D.	Cone. Porto
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%			
I	6	40.0	20	57.1	1193	51.8	38	42.7	139	54.9	26807	42.1	6.3	7.0	22.5
II	—	—	2	5.7	408	17.7	—	—	19	7.5	12423	19.5	—	9.5	30.5
III	6	40.0	5	14.3	234	10.1	43	48.3	58	22.9	3525	5.6	7.2	11.6	13.8
IV	—	—	2	5.7	158	6.9	—	—	10	4.0	5401	8.5	—	5.0	34.2
V	3	20.0	6	17.2	311	13.5	8	9.0	27	10.7	15486	24.3	2.7	4.5	49.8
	15	100.0	35	100.0	2304	100.0	89	100.0	253	100.0	63642	100.0	5.9	7.2	27.6

Assim, foi possível verificar a fraca implantação do sector secundário (quadro VIII), feita à custa fundamentalmente de pequenas empresas que não necessitam de mão de obra especializada (têxteis, mobiliário—I, alimentares, cerâmica — III, construção civil — V, nomeadamente).

Quadro X — UNIDADES E POPULAÇÃO ACTIVA NO LOCAL DE TRABALHO (COMÉRCIO POR GROSSO)

	UNIDADES FUNCIONAIS						POPULAÇÃO ACTIVA						POP. ACT./UN. FUNC.		
	F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		Freg. Nevog.	Freg. Foz D.	Cone. Porto
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%			
Agric. silv. , pecuária	1	20.0	1	9.1	64	3.4	10	13.2	2	4.4	623	2.8	10.0	2.0	9.7
Minerais, metais e quim.....	-	-	-	-	224	11.9	-	-	-	-	3688	16.6	-	-	16.5
Madeira, cort., mat. const...	—	—	—	—	65	3.5	—	—	—	—	926	4.2	—	—	14.3
Máquinas, veículos a motor.	1	20.0	2	18.2	355	18.8	24	31.6	23	51.1	3745	16.9	24.0	11.5	10.6
Ferragens, ut. ap. eléctric. .	—	-	-	-	205	10.9	-	-	-	-	2658	12.0	-	-	13.0
Móveis, e art. de mobiliário.	1	20.0	—	—	34	1.8	2	2.6	—	—	276	2.2	2.0	—	8.1
Têxteis, vest., calç.....	-	-	2	18.2	230	12.2	-	-	8	17.8	2236	10.1	-	4.0	11.4
Gén. alim., bebidas e tab. .	-	-	2	18.2	168	8.9	-	-	0	0.0	2623	11.8	-	0.0	15.6
Outro.....	2	40.0	4	36.3	540	28.6	40	52.6	12	26.7	5404	24.4	20.0	3.0	10.0
	5	100.0	11	100.0	1855	100.0	76	100.0	45	100.0	22179	100.0	15.2	4.1	11.8

²⁹ JOHNSON, J. — *Geografia Urbana*, 2.ª Edição, Barcelona Ediciones Oikus-Tau, 1980, p. 93.

A Foz

Quadro X — FUNCIONAIS E POPULAÇÃO ACTIVA NO LOCA DE TRABALHO (COMÉRCIO A RETALHO)

	UNIDADES FUNCIONAIS						POPULAÇÃO ACTIVA						POP. ACT./UN. FUNC.		
	F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		Freg. Nevog.	Freg. Foz D.	Cone. Porto
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%			
Diário	4	25.0	22	44.0	699	24.0	10	21.7	85	47.2	2951	18.3	2.5	3.9	4.2
Não diário.....	12	75.0	28	56.0	2208	76.0	36	78.3	95	52.8	19166	81.7	3.0	3.4	6.0
	16	100.6	50	100.1.7	2907	100.100	46	100.0.3	180	100.1.1	16117	100.100	2.9	3.6	5.3

O território revela fraca apetência para o comércio grossista (quadro IX) — a que não será estranho por certo o elevado preço do solo e a modestidade da produção industrial — , a par de uma capitação de 287 habitantes por unidade de comércio a retalho (quadro X) que, embora inferior à registada para o conjunto do espaço municipal, deve entender-se como equilibrada.

Quadro KI —UNIDADES E POPULAÇÃO ACTIVA NO LOCA DE TRABALHO (HOTELARIA)

	UNIDADES FUNCIONAIS						POPULAÇÃO ACTIVA						POP. ACT./UN. FUNC.		
	F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		Freg. Nevog.	Freg. Foz D.	Cone. Porto
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%			
Cafés, Bares e sim.....	6	75.0	5	45.5	349	50.1	38	60.3	27	50.9	2591	45.4	6.3	5.4	7.4
Restaurantes e sim	2	25.0	5	45.5	257	36.9	25	39.7	10	18.9	2052	36.0	12.5	2.0	8.0
Hotéis, Pensões e sim	-	-	1	9.0	91	13.0	-	-	16	30.2	1064	18.6	-	16.0	11.7
	8	100.1.1	11	100.1.6	697	100.100	63	100.1.1	53	100.0.9	5707	100.100	7.9	4.8	8.2

Apesar das características e antecedentes da Foz, praticamente não existem unidades de acolhimento (quadro XI). Já os cafés, bares e outros estabelecimentos similares existem em número considerável, particularmente na freguesia de Nevogilde, directamente relacionados com a avenida do Brasil e a Esplanada do Molhe, locais de atracção dos portuenses, particularmente no período estival. Os restaurantes, por seu turno, são em maior número em S. João da Foz, onde encontram ambientes enriquecidos por um longo passado histórico e se associam aos 'pubs' e às discotecas, na vivificação da 'Foz Velha'.

Quadro XII —UNIDADES FUNCIONAIS E POPULAÇÃO ACTIVA NO LOCA DE TRABALHO (SERVIÇOS)

	UNIDADES FUNCIONAIS						POPULAÇÃO						POP. ACUUN. FUNC.		
	F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		F. Nevogilde		F. Foz do Douro		Cone. Porto		Freg. Nevog.	Freg. Foz D.	Cone. Porto
	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%			
Bancos, Casas de Penhor.....	1	11.1	2	8.7	91	3.8	2	0.5	18	8.1	7032	15.0	2.0	9.0	77.3
Oper. s/ímóveis e serv. às emp.	3	33.3	1	4.4	312	13.2	323	83.0	4	1.8	2782	5.9	107.7	4.0	8.9
Educação, Saúde, As. Social...	3	33.3	4	17.4	641	27.1	49	12.6	137	61.4	7712	16.5	16.3	34.3	12.0
Diversões, Serv. Recr. e Cult..	-	-	3	13.0	60	2.5	-	-	21	9.4	1195	2.6	-	7.0	19.9
Serv. de Reparação.....	1	11.1	7	30.4	420	17.8	10	2.6	27	12.1	6844	14.6	10.0	3.9	16.6
Lavandarias e Tinturarias	-	-	1	4.4	36	1.5	-	-	6	2.7	213	0.5	-	6.0	5.9
Barb., Cabel., Fotografia	1	11.1	5	21.7	347	14.7	5	1.3	10	4.5	1464	3.1	5.0	2.0	4.2
Outros.....	-	-	-	-	458	19.4	-	-	-	-	19597	41.8	-	-	42.8
	9	100	23	100	2363	100	389	100	223	100	46839	100	43.2	9.7	19.8

Na impossibilidade de recorrer a dados relativos à área de influência das unidades funcionais, ou a quaisquer outros que permitissem avaliar do seu significado em termos espacialmente referenciáveis, optou-se — para a determinação das estruturas funcionais que buscamos —, pela quantificação, avaliação e interpretação possíveis, das unidades funcionais tomadas por amostra e cuja distribuição territorial foi previamente estudada.

Comparativamente, verifica-se um maior número de unidades do conjunto das funções centrais entendidas como serviços na freguesia da Foz do Douro, sendo entretanto maior o número de indivíduos que empregam em S. Miguel de Nevogilde (quadro XII). Salienta-se, na primeira, o elevado número dos serviços de reparação, barbeiros, cabeleireiros e fotógrafos, enquanto na segunda avultam os serviços de carácter social (educação, saúde e assistência), assim como os ligados à operação sobre imóveis e à prestação de serviços a outras empresas.

Registaram-se apenas 63 activos no sector primário, dos quais 24 em Nevogilde e 39 em S. João da Foz, o que se coaduna com os quantitativos concelhios e dá indicações sobre a fraca expressão da agricultura e da pesca, que ocupou, em termos idos, papel de primordial importância na economia da população. Esquecem estes valores contudo, aqueles que, a par se uma outra actividade económica ou do trabalho doméstico, se entregam ao cultivo, ou de quando em vez se fazem ao mar.

Indicadores ensaiados com base na unidade territorial *quarteirão* revelaram-se de resultado insatisfatório, em vista não só das diferenças consideráveis na dimensão dos quarteirões, como sobretudo pelo facto de igualarem, para um mesmo quarteirão, realidades completamente distintas. Vimo-nos assim de certa forma compelidos a adoptar a localização exacta das unidades funcionais, como base para a determinação de unidades territoriais que chamamos de estruturas funcionais e às quais por uma questão de facilidade de identificação, atribuímos uma letra. Para esta finalidade seleccionaram-se apenas as actividades com fins lucrativos, ligados à venda de produtos e à prestação de serviços ao público em geral, por não se nos afigurarem como conveniente para o fim em vista, entrar em linha de conta com actividades do sector primário ou secundário, ou serviços cujo fim não é de índole lucrativo³⁰.

³⁰ Quer a agricultura, por motivos óbvios, quer a indústria, têm, regra geral, localização diversa das funções que procuram posições que permitam o fácil acesso da clientela que desejam servir. Também os serviços cuja finalidade se não norteia pela busca do lucro revelam na sua localização interesses diversos dos que geram o posicionamento de

Com base na localização deste grupo de actividades, procurou-se em primeiro lugar definir espacialmente as áreas de concentração de estabelecimentos de comércio a retalho do tipo diário, os mais numerosos e significativos na estruturação de um território aonde a residência, relativamente às actividades económicas, é claramente dominante na ocupação do espaço. Para tal, considerou-se existir uma relação de vizinhança sempre que duas unidades funcionais não distassem entre si mais de 100 metros³¹. As áreas que resultaram foram depois compatibilizadas com a distribuição das unidades de comércio a retalho não diário e serviços de natureza económica, tendo-se verificado que se mantinham no essencial os limites anteriormente encontrados.

A definição espacial das áreas estabelecidas resultou assim, da união dos pontos a igual distância das duas unidades funcionais mais próximas do limite de duas estruturas, tendo-se atribuído um raio máximo de 150m. àquelas unidades funcionais visivelmente afastadas das de outra estrutura (figura 6). Deste modo se identificaram 9 áreas de características diversas e distinto significado na organização funcional do território. No sentido de melhor compreender essas características, começamos por ordenar as funções segundo o número de unidades funcionais e estruturas onde ocorrem (figura 7). Aqui se verificou — para o conjunto da Foz — uma elevada quantidade de unidades das funções centrais mercearia, pronto-a-vestir e padaria e o reduzido número de unidades das demais funções consideradas e, por outro lado uma clara desigualdade entre o número de ocorrências por estrutura.

Houve seguidamente que buscar factores de natureza quantitativa e qualitativa que, facilitando a destrição entre as estruturas, permitisse a sua hierarquização. Nesse intuito, procedeu-se à elaboração do quadro XIII, onde as funções foram subdivididas em dois grupos iguais, segundo dois níveis que correspondem ao que de uma forma simples poderíamos chamar de 'funções diárias' e 'não diárias'. Assim divididas, as funções foram então ordenadas segundo o número de estruturas onde ocorrem, registando-se a quantidade de unidades de cada função central em cada estrutura, bem como o número total e percentagem das que são de tipo diário e não diário.

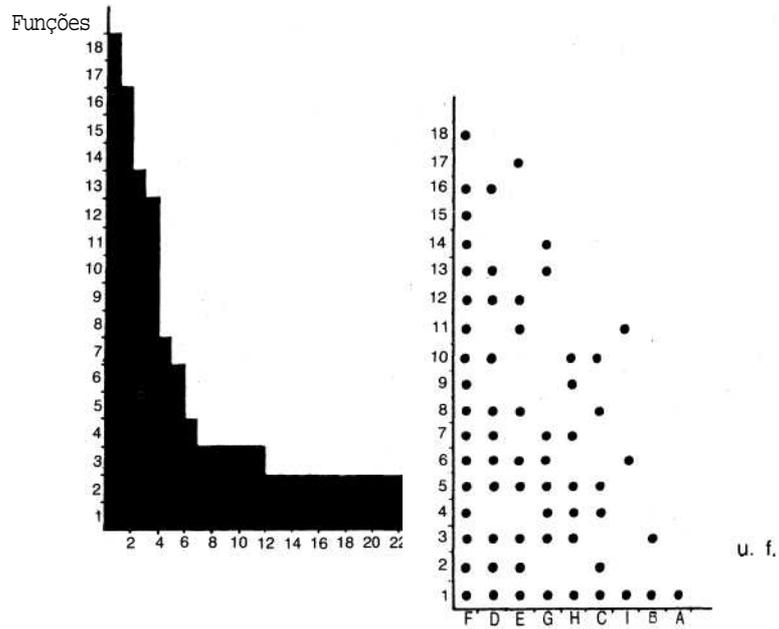
A quantidade de unidades de cada estrutura revela, de modo geral, uma relação importante com a área respectiva, pelo que este valor se não nos afigura como muito significativo por si só. Mais interes-

barbearias ou dependências bancárias, por exemplo. Foram igualmente preteridas para o efeito as funções ligadas à hotelaria e tempos livres, por força dos condicionalismos que a sua localização reflete de modo evidente.

³¹ O resultado da utilização da regra do vizinho mais próximo revelou-se inadequado, pelo que optamos por considerar um valor arbitrário que empiricamente nos parece ajustado.



Fig. 6 — Estruturas Funcionais



LEGENDA:

- 1 Mercaria
- 2 Pronto-a-Vestir
- 3 Padaria
- 4 Barbeiro
- 5 Drograria
- 6 Farmácia
- 7 Pomar
- 8 Supermercado
- 9 Sapateiro
- 1 Cabeleireiro
- 1 Papelaria
- 1 V. Electrodomésticos
- 1 Talho
- 1 Agência Funerária
- 1 Ourivesaria
- 1 Banco
- 1 Mercado
- 1 Correios

Fig. 7-Funções centrais (Número de unidades e áreas onde ocorrem)

sante nos parece ser já a noção de 'intensidade funcional', designação com a qual nos referimos ao resultado da divisão do número de unidades funcionais pela superfície da estrutura que as suporta.

Reportando-nos ainda o quadro XIII, mas já também ao XIV verifica-se que é possível estabelecer dois grandes grupos de estruturas, no que à percentagem das funções não diárias diz respeito: um, onde se reúnem as áreas em que mais de metade das unidades funcionais são de nível superior e outro que agrupa as restantes (onde os valores percentuais não ultrapassam os 16%).

Quadro XIII - FUNCIONAIS — Número e de unidades

Estrutura funcional	F		D		E		C		G		H		I		B		A		TOTAL		
	N.º	%	N.º	%	N.º	%															
Função																					
Correios	1	25																	1	08	
Ourivesaria	2	5.0																	2	1.5	
Banco	1	2.5	1	5.0															2	1.5	
Ag. Funerária	1	2.5							1	5.3									2	1.5	
V. Electrodom	2	5.0	1	5.0	1	7.7													4	3.0	
Papelaria	2	5.0			1	7.7					1	33.3							4	3.0	
Pronto-a-vestir.....	11	27.5	7	35.0	3	23.1	4	40.0											25	18.8	
Farmácia	2	5.0	1	5.0	1	7.7			1	5.3			1	33.3					6	4.5	
Drogaria	1	2.5	1	5.0	1	7.7	1	10.0	1	5.3	1	5.0							6	4.5	
Total parcial	23	57.5	11	55.0	7	53.9	5	50.0	3	15.9	1	5.0	2	66.6	0	0	0	0	52	39.1	
Mercado					1	7.7													1	0.8	
Sapateiro.....	3	7.5									1	5.0							4	3.0	
Talho	1	2.5	1	5.0					1	5.3									3	2.3	
Cabeleireiro	2	5.0	1	5.0			1	10.0			1	5.0							5	3.8	
Supermercado	1	2.5	1	5.0	1	7.7	1	10.0											4	3.0	
Pomar	1	2.5	1	5.0					1	5.3	2	10.0							5	3.8	
Barbeiro.....	2	5.0					1	10.0	1	5.3	3	15.0							8	6.0	
Padaria.....	3	7.5	1	5.0	1	7.7			4	21.1	2	10.0			1	25.0			12	9.0	
Mercearia	4	10.0	4	20.0	3	23.1	2	20.0	9	47.4	10	50.0	1	33.3	3	75.0	3	100	39	29.3	
Total parcial	17	42.5	9	45.0	6	46.2	5	50.0	16	84.4	19	95.0	1	33.3	4	100	3	100	81	61.0	
TOTAL	40	100	20	100	13	100	10	100	19	100	20	100	3	100	4	100	3	100	133	100	

Quadro XIV — ESTRUTURAS FUNCIONAIS — Indicadores

Estrutura Funcional	Área (Ha)	Funções Centrais	Unidades Funcionais	Perc. u.f. não Diárias	Intensid. Funcional
A	11.2	1	3	0.0	0.27
B	15.2	2	4	0.0	0.26
C	17.8	6	10	50.0	0.56
D	19.6	11	20	55.0	0.56
E	15.2	9	13	53.9	0.59
F	8.3	17	40	57.5	4.82
G	14.4	8	19	15.9	1.32
H	21.3	7	20	5.0	0.94
I	8.3	3	3	66.7	0.36
Média	14.6	7.1	14.4	39.4	1.01

Relacionando os quantitativos, é possível esboçar uma caracterização sumária de cada uma das estruturas funcionais consideradas.

A — *'Bairro de Xangai'*

Reduzido número de unidades (3) de uma só função de tipo diário (mercearia). A 'intensidade funcional' é, por consequência, muito baixa (0.27).

B — *'Nevogilde-Rua de Fez'*

Número pequeno de unidades (4) de apenas duas funções (mercearia e padaria), ambas de tipo diário. 'Intensidade' muito fraca (0.26).

C — *'Foz Nova-Rua do Molhe'*

Número relativamente reduzido de unidades (de 6 funções), subdividindo-se as 10 existentes em 5 de tipo diário e 5 de tipo não diário. A 'intensidade' não apresenta valor considerável.

D — *'Foz Nova meridional'*

Quantidade de unidades funcionais superior à média (20), mas 'intensidade' baixa (0.56). Estão representadas 11 funções, das quais as 5 de nível superior têm 55% das unidades existentes.

E — *'Diu'*

Razoável diversidade funcional para um número de unidades inferior à média (existem 13 unidades, das quais 7 de tipo não diário, de 9 funções centrais). A grande dispersão nos 15.2ha resulta contudo num valor de 'intensidade' reduzido (0.59).

F — *'Senhora da Luz'*

Grande quantidade de unidades funcionais (40), numa área relativamente pequena, do que resulta uma 'intensidade' claramente superior à de qualquer outro dos territórios considerados (4.82). Encontram-se representadas 17* funções, mais de metade das quais de tipo não diário.

G — *'Foz Velha-Padre Luís Cabral'*

Existem aqui 19 unidades de 8 funções, a grande maioria das quais (74.2%) de tipo não diário; elevada 'intensidade' (1.32).

H — *'Foz Velha oriental'*

Tal como a estrutura anterior, tem também esta uma 'intensidade funcional' relativamente elevada (0.94 unidades/hectare). Trata-se, portanto, de uma estrutura com um número razoavelmente elevado

de unidades funcionais (20) — de 7 funções centrais — , mas onde a vasta maioria é de tipo não diário (95%).

I — *'Bairro da Previdência da Pasteleira'*

Existem apenas 3 unidades de 3 funções diferentes, (2 das quais de tipo não diário), donde um valor de 'intensidade' baixo (0.36).

Em vista do que ficou dito, parece-nos assim possível considerar que a Foz se organiza funcionalmente segundo quatro grandes tipos de estruturas.

O primeiro destes caracteriza-se pela concentração de unidades funcionais de comércio do tipo diário ou serviços de pequeno raio de influência. Trata-se, em termos das estruturas individualizadas, das áreas A, B, G e H, dentro das quais é possível identificar cinco núcleos, onde predominam as mercearias e padarias: 'Bairro de Xangai' (A), 'Nevogilde-Rua de Fez' (B) e, dentro da 'Foz Velha' (G e H), a Corguinha, a Cantareira e 'Padre Luís Cabral'. Este tipo de ocupação funcional, que se relaciona com o apoio directo à residência, liga-se ainda com estruturas morfológicas antigas³², onde as 'vendas' se enquadram na maneira de viver das populações que aqui residem, habituadas ao contacto directo como comerciante e onde o acto de fazer compras (ou obter um serviço), constitui igualmente oportunidade de encontro com conhecidos. Inscreve-se este aspecto, sobretudo no núcleo antigo da Foz, numa maior inter-relação das pessoas com o espaço que habitam, o que é traduzido igualmente por um elevado número de associações culturais, recreativas e desportivas³³. Uma referência também para a ocupação industrial, que tem algum significado em 'Xangai' e na 'Foz Velha'. Regra geral, as pequenas unidades alternam ou convivem mesmo com a residência (a sua dimensão permite-o). 'Invisíveis' por entre o casario, ocupam geralmente caves ou o fundo de algumas das muitas hortas familiares que existem.

Um segundo grupo de estruturas, de que fazem parte as áreas C, D, E e I, caracteriza-se por uma dispersão das unidades funcionais³⁴ e por um equilíbrio entre o número das de tipo diário e não diário. Merece aqui especial destaque a 'Foz Nova' (C e D), onde existe um considerável número de unidades — particularmente na sua parte meridional — e uma significativa concentração de estabelecimentos de

³² Exceptua-se o caso da estrutura morfológicamente inconsciente de 'Xangai', que participa no essencial de todos os outros aspectos que importam a este tipo de estrutura.

³³ Em clara oposição com o que se passa a norte, onde foi possível detectar a existência de apenas uma colectividade com carácter associativo.

³⁴ Os valores médios de 'intensidade funcional' variam entre 0.36 e 0.59, quando a média é de 1.01.

pronto-a-vestir. Assinale-se nesta área o comportamento diferenciado das unidades de comércio diário e não diário no que respeita à sua localização, com as primeiras a posicionarem-se ao longo da Rua de Gondarém e as segundas na Avenida do Brasil³⁵.

A estrutura definida em torno do Largo e Rua de Diu (E) participa, em larga medida, das características fundamentais da 'Foz Nova', detectando-se aqui contudo as consequências de uma intervenção pública que, com a construção da Junta de Freguesia de S. João da Foz do Douro, do Cemitério e sobretudo do Mercado da Foz, terá impulsionado decisivamente a ocupação funcional deste espaço. Também a existência das 3 unidades que constituem a débil estrutura funcional do Bairro da Providência da Pasteleira (I) fica a dever-se à intervenção pública, não havendo aqui todavia, qualquer adequação entre o número de unidades e o importante quantitativo populacional albergado, o que é compensado em parte pela deslocação regular de vendedores ambulantes.

Comportamento diverso têm estas quatro áreas quando analisada a distribuição de outras ocupações funcionais, de onde se salienta o grande número de cafés e confeitarias que se dispõem ao longo da Avenida Brasil e a quase ausência de indústria na 'Foz Nova'³⁶. Na área de Diu, por outro lado, importa realçar a importância do mercado³⁷, que explicará em grande medida a inexistência de peixarias em toda a Foz, bem como o reduzido número de talhos.

Por último, individualiza-se como estrutura hierarquicamente superior às demais a que tem a Rua da Senhora da Luz como via fundamental e é identificada com a letra F. Estamos em presença do polo principal na organização funcional de todo o território da Foz e aí têm lugar não só um grande número de mercearias, padarias e outras 'funções diárias', como unidades de todas as 'funções não diárias' consideradas. Situada na encruzilhada entre a 'Foz Velha' e a 'Foz Nova', com o largo de Diu para o interior, numa área de grande acessibilidade geral, a 'Senhora da Luz' é sem dúvida o grande centro funcional do litoral portuense. Dir-se-ia, que, à sua escala, desempenha o papel de 'baixa', para onde terá migrado o centro económico que antes do século XX se situava na Rua Central (hoje do Padre Luís Cabral).

A 'Foz Nova' é contudo a área que apresenta maior dinâmica de transformação, denotando a implantação recente de um 'centro co-

³⁵ Certamente por razões que têm a ver com a acessibilidade específica de cada grupo de funções e a desigual capacidade de suportar renda elevada.

³⁶ Constatando-se portanto a vulgar segregação entre a indústria e a residência de média e alta burguesia.

³⁷ Situado no Largo de Diu e aberto desde 1941, pode ser considerado o sucedâneo da feira que tinha lugar no Largo do Rio da Bica que muitos conhecem ainda pelo 'Largo da feira'.

mercias', variados estabelecimentos comerciais, sedes de empresas e dependências bancárias, uma tendência tercearizante que, proporcionando o descongestionamento do núcleo principal, poderá mesmo levar à migração do centro económico da Foz para norte. Em situação algo semelhante à 'Foz Nova' está a área de Diu, embora não pareça que tenha vindo a ser muito acompanhada pelo capital privado, a iniciativa dos poderes públicos em dotar este espaço de equipamentos que acentuem o seu 'peso funcional' sobre o território.

Verifica-se uma oposição entre a 'Foz Nova' e a 'Foz Velha' — entre as quais se situa a 'Senhora da Luz' — seja em termos do tipo de unidades funcionais³⁸, seja quanto ao modo como se distribuem, acentuando-se esta oposição se atendermos ao elevado número de cafés e confeitarias existentes na primeira e à preferência pela segunda para a instalação de bares, restaurantes e discotecas.

Saliente-se por último que áreas quase que exclusivamente ocupadas por vivendas ('Foz Nova' a norte da Rua do Molhe, avenidas da Boavista e do Marechal Gomes da Costa), onde se não regista uma única unidade industrial, comercial ou serviço de natureza económica, possuem, e em quantidade assinalável, unidades de saúde, ensino e assistência social, o que ficará a dever-se: por um lado à grande facilidade de deslocação dos moradores, que frequentam as 'boutiques' da Avenida Brasil, o 'Augusto'³⁹ e os estabelecimentos e escritórios da 'Boavista' ou da 'Baixa'; por outro lado a uma maior facilidade de encontrar mais para o interior o espaço disponível a equipamento social que reclama terreno relativamente extenso⁴⁰.

A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA FOZ NA PERSPECTIVA DO PLANEAMENTO URBANÍSTICO

Unidade de Ordenamento da Foz

Tem duas grandes facetas a Foz: a 'Velha' e a 'Nova' e subdivide-se por duas freguesias, mas sendo «um território bipolarizado administrativamente, com factores históricos e sociais diferenciados, não

³⁸ E referimo-nos não só ao tipo de função central que a unidade presta, como à qualidade desta, pois cremos poder afirmar que se compararmos a dimensão da unidade, o modo de apresentação dos produtos ou de prestação dos serviços e a variedade e qualidade do produto ou serviço, verificaríamos uma diferença entre as unidades funcionais-tipo da 'Foz Nova' e da 'Foz Velha', com vantagem para a primeira.

³⁹ Mercearia situada na Rua do Passeio Alegre, ponto de encontro das senhoras da Foz, que aí podem adquirir frutos tropicais ou vinhos importados de entre uma grande variedade de produtos em oferta.

⁴⁰ Note-se que quando se trata de instituições privadas quiçá adquira especial relevância a possibilidade de funcionamento numa área de prestígio, na imediata proximidade de uma clientela potencial capaz de pagar caro bons serviços médicos, de ensino e de assistência infantil ou à terceira idade.

deixa de ser também [...] um conjunto coerente a que a faixa atlântica confere unidade»⁴¹. É essa coerência, essa personalidade tão bem vincada no tempo — com uma origem piscatória, um florescimento ligado à proximidade do mar e uma vocação para uma residência de qualidade — que tão bem se moldaram, de sorte a conferir a este espaço uma apazibilidade muito própria que importa destacar e em acções urbanísticas não esquecer.

A Foz, como por nós espacialmente considerada, estende-se por uma superfície de 137 hectares, albergando 12738 pessoas. Tais características — a que se soma uma densidade populacional de 92.8 habitantes/ha — permitem encarar este território como uma unidade no ordenamento geral da cidade, pois que embora possua população residente e densidade populacional algo reduzidas, não só possui uma área adequada, como outros aspectos não quantificáveis o impõem⁴². Trata-se de uma área não muito densamente ocupada por uma população cuja situação sócio-económica média se encontra acima da maioria dos portuenses, relativamente mais jovem e que se entrega sobretudo a actividades do sector terciário. As condições de habitabilidade são em regra boas. Dominará a residência unifamiliar e, de entre as funções aqui existentes, avulta o número relativamente elevado de estabelecimentos comerciais e de cafés, bares, restaurantes e discotecas.

Individualidade no contexto do aglomerado urbano do Porto não implica contudo homogeneidade interna. De facto, no caso em questão, pode até afirmar-se que essa individualidade advém em grande parte da riqueza de contrastes existentes os quais permitem reconhecer várias pequenas áreas de características diversas.

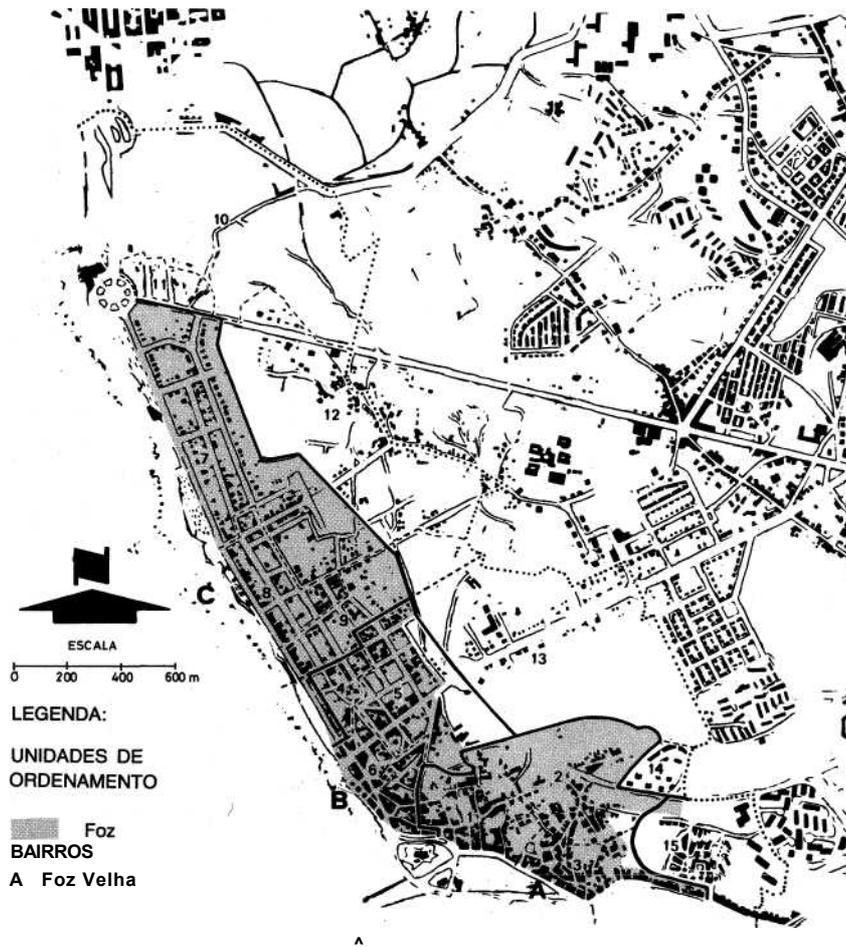
Foi nesta perspectiva — que teve em atenção a dimensão dos espaços e o seu grau de coerência interna — que foi possível identificar na unidade de ordenamento três territórios distintos a que chamamos bairros e ainda outras áreas de menor dimensão (unidades elementares), cuja determinação derivou da análise comparativa das estruturas morfológicas, residenciais e funcionais a que chegamos em capítulos anteriores (figura 8).

Bairro da Foz Velha

A morfologia desta área, bem como com menor intensidade as ocupações residencial e funcional, refletem ainda a relação estreita

⁴¹ MACHADO, F. — *Julho Cultural*, Porto, 1984, s. p.

⁴² A densidade populacional, embora ligeiramente superior à concelhia, tem que ser entendida como baixa num espaço urbanizado. Castelo-Branco sugere em *Urbanização, Sobrevivência, Contradição, Ensaio para uma Visão Dialéctica*, os quantitativos de 165.02 a 214.78 habitantes/ha para unidades de ordenamento com 30000 residentes (p. 64).

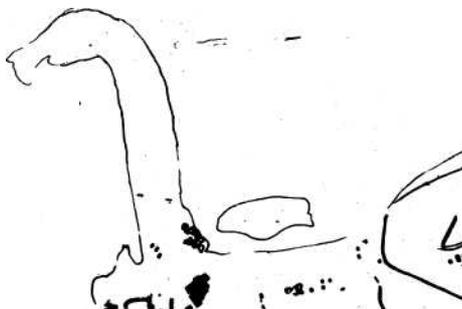


B Interligação Foz Velha —Foz Nova C
Foz Nova

Fig. 8 - Organização Territorial

UNIDADES ELEMENTARES

- 1 Padre Luís Cabral
- 2 Corguinha
- 3 Cantareira
- 4 Farol
- 5 Diu
- 6 Senhora da Luz
- 7 Foz Nova Setentrional
- 8 Foz Nova-Molhe
- 9 Foz Nova Meridional
- 10 Futuro Parque da Cidade
- 11 Xangai
- 12 Nevogilde-Passos
- 13 Marechal Gomes da Costa
- 14 Bairro da Providência da Pasteleira
- 15 Conjuntos Residenciais da Foz Oriental



Quadro XV — Organização Territorial

Unidade Territorial	Pop.	Área (Ha)	Dens. Pop.	C. O. S.	Pav./Ed.	Aloj./Ed.	Pes./Fam.	Cap. Voi.
FOZ	12738	137.20	92.84	2.49	2.32	1.89	3.30	143.57
Foz Velha	4129	43.00	96.02	1.51	1.81	1.46	3.43	89.31
Padre Luís Cabral	1211	7.20	168.19	2.39	1.93	1.49	3.42	111.84
Corguinha.....	1476	27.00	54.67	0.97	1.71	1.45	3.22	76.84
Cantareira	1442	880	163.86	245	171	1.39	3.65	84.54
Caboucos	4074	2980	13671	301	2.29	1.72	3.23	12326
Farol	523	2.80	18679	242	230	194	302	10433
Diu	1496	17.20	86.98	2.27	2.46	1.68	3.51	155.41
Senhora da Luz	2055	9.80	209.69	4.48	1.84	1.58	3.07	105.11
FOZ NOVA	4535	64.40	70.42	2.90	3.17	2.48	3.53	212.12
Foz Nova Setentrional	1793	40.20	44.60	1.99	2.86	2.10	3.50	237.57
Foz Nova-Molhe	1448	1070	135.32	6.24	3.70	3.17	3.69	237.54
Foz Nova Meridional.....	1294	13.50	95.85	2.95	3.13	2.52	3.36	141.51
Futuro Parque da Cidade	49	43.40	1.13	—	1.33	1.33	2.66	230.59
Xangai.....	440	6.00	73.33	0.92	1.29	2.54	3.17	47.20
Nevogilde-Passos	917	48.40	18.95	117	2.06	158	3.74	26125
Marechal Gomes da Costa...	417	56.60	7.38	0.68	2.57	1.08	4.59	279.10
B. Providência Pasteleira	2199	9.50	231.47	4.96	9.24	17.80	4.91	60.07
Olival	1292	9.60	134.58	1.40	2.00	1.12	4.03	36.64

com a pesca e a agricultura que marcaram este espaço. E poder-se-á mesmo dizer que em muitos aspectos «...ainda participa de uma estrutura que não é plenamente urbana, mas herdada de uma ocupação mista ou compromissial de grupos urbanos...»⁴³.

Este espaço, cujos 43ha de área albergam 4129 pessoas, pode considerar-se dentro da Foz (e referimo-nos à unidade de ordenamento da Foz), como medianamente ocupado — a densidade populacional é de 96 habitantes/ha. Caracteriza-se pelo geomorfismo do seu plano, com ruas estreitas e sinuosas, quintais e pequenos jardins privados relativamente abundantes e edifícios antigos e baixos, do que resulta um coeficiente de ocupação do solo reduzido ($1.51\text{m}^3/\text{m}^2$). São na vasta maioria ocupados exclusivamente pela residência e poucos serão os que possuem mais que um único alojamento (a média é de 1.46 alojamentos/edifício). A dimensão dos agregados familiares ronda as 3.43 pessoas e a capitação volumétrica é reduzida ($89.31\text{m}^3/\text{pessoa}$).

Existe um número relativamente elevado de pequenas unidades industriais e comerciais (sobretudo ligados à venda a retalho de bens

⁴³ OLIVEIRA, J. M. P. — *Op. Cit*, p. 361.

de procura frequente), assim como alguns serviços, directamente relacionados com a residência. Caracteriza-se ainda esta área, sob o ponto de vista funcional, pela existência de um grande número de associações de natureza diversa e bares, discotecas e pequenos restaurantes.

Diferenciam-se três unidades elementares: Padre Luís Cabral, Corguinha e Cantareira. Morfologicamente, há a destacar um certo ortogonalismo do plano na primeira, irradiação das vias na segunda e inequívoco geomorfismo na última. Todas se estruturam em torno de um núcleo funcional, se bem tenha maior significado a Rua do Padre Luís Cabral que qualquer outro espaço do bairro em questão. Pode-se ainda falar numa certa oposição entre a Corguinha e as outras duas unidades territoriais, pois apresenta aqueles valores contrastantemente baixos relativamente à densidade populacional e ao coeficiente de ocupação do solo, por força de uma maior extensão do espaço livre. A área mais ocidental do bairro, entretanto, apresenta uma captação volumétrica que parece indicar uma melhor qualidade residencial, relacionando-se este aspecto possivelmente com uma maior incidência aqui do surto residencial ocorrido na época em que 'a Foz ficou na moda', aquando era apetecível a proximidade do Jardim do Passeio Alegre.

Se bem que o planeamento urbanístico constitua disciplina complexa e necessite de um esforço interdisciplinar, o conhecimento que temos da Foz e o interesse em defender alguns dos anseios da sua população, encoraja-nos a propor medidas que, a nosso ver, poderão constituir matéria de reflexão à altura da elaboração dos planos de pormenor que se pensa surgirem na sequência do Plano Geral de Urbanização do Porto, recentemente concluído na sua versão definitiva.

Relativamente à 'Foz Velha', julga-se necessária a protecção de todo o conjunto arquitectónico-paisagístico que constitui, devendo a reabilitação passar pela adopção de uma fórmula que, a exemplo do que se estatuiu em outros países, permita promover, sem grandes encargos para os moradores, as remodelações necessárias à obtenção de uma imagem de maior qualidade do bairro, bem como as iniciativas potenciadoras de uma melhoria sensível das condições de vida⁴⁴.

Bairro de Cadouços

Este território, com 3897 habitantes e uma densidade populacional relativamente elevada (136 hab./ha), constitui o centro da Foz,

⁴⁴ Lembre-se ainda a necessidade de acções pontuais, como a recuperação dos Arcos da Foz, a reabilitação do imóvel da Rua do Alto da Vila onde funcionou o Sanatório da Foz, ou a construção de uma marina que termine de vez com os problemas de recolha dos barcos junto ao Posto da Guarda Fiscal.

local onde se concentram os estabelecimentos que visam servir não só a população do bairro, como a de toda a unidade de ordenamento.

Morfologicamente, assegura este espaço a ligação entre o geomorfismo da 'Foz Velha' e o ortogonalismo da 'Foz Nova', entre o crescimento espontâneo e o planeado, entre o 'velho' e o 'novo', o que é particularmente bem visível entre a Rua da Cerca e a Rua de Diu. Embora possua características próprias, este território revela inequivelmente uma situação de transição, tal como atestam os valores relativos ao desenvolvimento vertical das construções (2.29 pavimentos/edifício), ao tipo unifamiliar ou não da residência (1.72 alojamentos/edifício), à capitação volumétrica ($123.62\text{m}^3/\text{pessoa}$) e ao coeficiente de ocupação do solo ($3.01\text{m}^3/\text{m}^2$).

São algo diversas as unidades elementares que compõem este bairro. A área de Diu demarca-se de forma especial, com valores de densidade populacional, pessoas/família e capitação volumétrica que a faz associar à predominância da residência por pessoas de nível económico elevado. Enquanto os valores correspondentes à unidade do Farol se aproximam dos de uma ou de outra das unidades elementares, já Senhora da Luz se destaca, com um coeficiente de ocupação do solo bastante alto e com as suas características únicas no contexto da Foz relativamente à intensidade e qualidade da ocupação funcional.

Deverá o urbanista cuidar particularmente o tratamento deste espaço, que se assume como o propiciador do contacto (que não confronto) entre dois territórios distintos. Haverá que buscar as soluções que tirem partido das inequívocas potencialidades de centro económico e vivencial da área ocidental do Porto que este espaço possui, entre as quais se avança a vocação da Rua da Senhora da Luz à circulação restrita a peões e eléctricos.

Bairro da Foz Nova

Esta área é marcadamente distinta do núcleo antigo, individualizando-a o ortogonalismo quase perfeito do seu plano e uma convivência entre a vivenda e o grande prédio polifamiliar que resultam numa densidade relativamente baixa (70.42ha habitantes/ha), num maior número de pavimentos e alojamentos dos edifícios (3.17 e 2.48, em média respectivamente). O C.O.S., compreensivelmente, não tem um valor elevado ($2.9\text{m}^3/\text{m}^2$), se bem que seja quase o dobro do registado para a 'Foz Velha'. Uma certa tradição de espaço preferencial para a fixação de indivíduos economicamente desafogados parece não se ter alterado com a crescente modificação do tipo morfológico da residência, pois que a capitação volumétrica média é muito elevada ($212.12\text{m}^3/\text{pessoa}$).

Área quase exclusivamente residencial a princípio, a 'Foz Nova' assiste, desde alguns anos a esta parte, à abertura de grande número de estabelecimentos de pronto-a-vestir, cafés, confeitarias e restaurantes, que se ligam ao grande tráfego da Avenida do Brasil e à proximidade do litoral e que, junto com as unidades industriais, de comércio a retalho do tipo diário e de serviços de natureza social existentes no seu interior, fazem com que se possa considerá-la actualmente como relativamente bem equipada funcionalmente.

Foi possível destrinçar neste território três unidades, cuja individualização resulta mais das características decorrentes de um arranjo conjunturalmente desigual, que da existência de núcleos funcionais distintos, ou de uma significativa identificação dos moradores com parcelas deste bairro. Nesta perspectiva, é possível identificar o extremo setentrional e individualizá-lo do todo através da significativa predominância da residência unifamiliar em prédios baixos com jardins extensos, do que resultam valores reduzidos de densidade populacional, pavimentos e alojamentos por edifício e C.O.S. e um grande volume de construção por habitante. No centro da 'Foz Nova' a dinâmica de transformação foi particularmente intensa e, como atestam vários indicadores, esta fez-se tomando por modelo de residência o apartamento, mantendo-se contudo níveis de qualidade, como se depreende do valor respeitante à capitação volumétrica média. Esta dinâmica traduziu-se também pela transformação ocupacional, com esta área a ser eleita para a localização de muitas das unidades funcionais a cuja abertura temos vindo a assistir no decurso das últimas décadas.

Características similares apresenta a área meridional, aonde se destaca contudo a maior percentagem do número de edifícios de ocupação polifamiliar e a grande quantidade de pequenas unidades industriais, num tecido formalmente mais homogéneo.

Dissemos que as diferenças internas verificadas são perfeitamente conjunturais e nada faz prever a sua manutenção. Parece-nos contudo importante que, em plano de pormenor, se adoptassem medidas tendentes a disciplinar o processo de transformação e que possibilitassem uma maior defesa da área setentrional das investidas especulativas, de sorte a conservar-se um espaço onde permanecem ainda as características típicas da 'Foz Nova' de meados do século. Em termos de política de tráfego, parece-nos desejável a criação de medidas que explorem as potencialidades das avenidas Brasil e Montevideu para passeio urbano, logo que a Via Nun'Álvares⁴⁵ possa assegurar a relação norte-sul.

⁴⁵ Via de características rápidas já projectada, que assegurará o prolongamento da Rua Diogo Botelho para lá da Praça do Império, até à Avenida da Boavista.

Norte e Interior do Conjunto Territorial Formado pelas Freguesias de Nevogilde e Foz do Douro.

Não é possível identificar, no espaço constituído pelas duas freguesias ocidentais do município do Porto qualquer outra unidade de ordenamento ou bairro. Pode-se, quanto muito, pensar que o núcleo de Nevogilde e áreas da freguesia de Aldoar são passíveis de constituir uma unidade de ordenamento, assim como é visível uma continuidade morfológica, residencial e funcional entre a área oriental da freguesia da Foz do Douro e a ocidental da de Lordelo do Ouro. Não quisemos todavia esquecer todo o espaço para lá da unidade de ordenamento por nós definida, por pensarmos que a Foz não pode ser entendida isoladamente e que terão particular significado intervenções nas áreas mais próximas, a que uma mesma jurisdição autárquica confere unidade.

O território situado a norte da Avenida da Boavista, apesar de considerado para o efeito do presente estudo como unidade elementar, é um dos que dificilmente permite o seu enquadramento na tipologia adoptada, por se tratar de uma área quase despovoada (vivem aqui apenas 49 pessoas), interessando essencialmente neste caso reter a imagem rural do espaço e considerar a sua afectação a parte do futuro Parque Urbano da Cidade do Porto.

'Xangai' constitui o resultado da ocupação clandestina. A densidade populacional é baixa (79.33 hab./ha) e o nível sócio-económico dos residentes será dos mais modestos (veja-se que a capitação volumétrica é inferior a 50 m³). Servem este espaço 3 mercearias, que com algumas pequenas unidades industriais constituem todas as actividades económicas aqui sediadas e a que as obras conducentes à implementação do Parque da Cidade deverão pôr fim.

Resultado da consolidação e crescimento de dois núcleos de povoamento que desde a origem se identificaram com o trabalho agrícola, a área de Nevogilde-Passos possui características que deverão ser cuidadosamente abordadas pelo urbanista. As casas são baixas e predominam as ocupadas por uma família apenas, o que, junto com a imagem de algumas das construções, a dimensão da superfície ocupada pela agricultura⁴⁶ e a irregularidade do traçado viário, dá à área um cunho marcadamente rural, podendo quase falar-se numa pequena aldeia perdida na cidade. As famílias são aqui relativamente numerosas e a capitação volumétrica é elevada, o que traduzirá um certo desafogo económico, evidente sobretudo entre os que residem junto à Avenida da Boavista e entre os que se têm vindo a instalar recente-

⁴⁶ O que auxilia a compreender os 18.95 habitantes/ha de densidade populacional registados e um C.O.S. de apenas 1.17m³/m².

mente, em vivenda ou prédio polifamiliar de baixa altura, no tecido antigo. Trata-se de um espaço predominantemente residencial que, à parte a Igreja de Nevogilde e a Junta de Freguesia, pouco mais possui que as unidades funcionais indispensáveis à aquisição de bens alimentares.

Mais a sul, a Avenida do Marechal Gomes da Costa marcou, desde a sua abertura, um espaço residencial com um determinado nível social⁴⁷. Abundam aqui as vivendas, que têm geralmente 3 pavimentos. Sendo um espaço de ocupação quase exclusiva por residência, verifica-se que aqui existem apenas alguns serviços de educação e assistência social. Detectam-se ainda, um pouco a norte e a sul da avenida, algumas casas agrícolas que se relacionam com as amplas superfícies agricultadas que as rodeiam e que ajudam a explicar os muito reduzidos valores de densidade populacional e de C.O.S. do conjunto. Esta homogeneidade de características foi contudo recentemente alterada, através da multiplicação de prédios de grande altura, vendidos em regime de propriedade horizontal e onde a semelhança com a estrutura pré-existente se situa apenas ao nível do estatuto sócio-económico dos proprietários.

No Bairro da Providência da Pasteleira é a grande altura das construções, o elevado número de alojamentos por edifício e o forte C.O.S. que melhor caracterizam a área. Há ainda a salientar a grande dimensão média do agregado familiar, a baixa captação volumétrica e a muito fraca ocupação funcional de um espaço densamente povoado.

O extremo sudeste do território serviu à implantação de um conjunto residencial de características diversas do que lhe é setentrional e que, em linhas gerais, se marca pela, reduzida altura dos edifícios, exclusividade da residência unifamiliar, densidade populacional menos elevada, captação volumétrica ainda inferior e inexistência de ocupação funcional estranha ao ensino e assistência social.

Recentemente, o espaço deixado livre entre o Grupo de Moradias Populares da Rainha D. Leonor, a Rua da Quinta, do Passeio Alegre e a mancha construída da 'Foz Velha' viu-se ocupado pela construção de um conjunto residencial destinado à ocupação multifamiliar, em blocos de altura contrastante com a dos prédios pré-existentes a nascente e poente, e onde os preços da oferta determina a sua aquisição por indivíduos com elevado poder de compra. Um exemplo mais de entre os muitos possíveis, de iniciativas que vêm transformando o tecido urbano da Foz. Terão estas que ser tratadas

⁴⁷ A captação volumétrica é a mais elevada de todas as registadas para unidades elementares (279. lm^3).

adequadamente em acções futuras de planeamento urbanístico, onde deverá ser buscada a solução para a defesa da qualidade paisagística e para o velho e cada vez mais agudo problema da dificuldade de fixação por parte de elementos de famílias há largas gerações residentes na Foz, impossibilitados de permanecer, ao não poder competir na compra de alojamentos especulativamente inflacionados.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, E. (org.) — *Daqui Houve Nome Portugal, Antologia de Verso e Prosa Sobre o Porto*, 3.^a edição, Porto, O Ouro do Dia, s/ data.
- ANDRADE, M. de — *Plantas Antigas da Cidade*, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1943.
- A.P.D.L.O. — *Investigação Operacional*, Lisboa, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Investigação Operacional, 1984.
- BAILLY, A. S. — *La Percepción dei Espado Urbano. Conceptos, Métodos de Estudio y su Utilización en la Investigación Urbanística*, Madrid, Instituto de Estudios de Administración Local, 1979.
- BASTIÉ, J., DÉZERT, B. — *L'Espace Urbain*, Paris, Masson, 1980.
- BASTO, A. M. — *Desenvolvimento Topográfico da Cidade (séc. XII a XV)* in «História da Cidade do Porto, Porto», Portucalense Editora, 1962.
- IDEM — *A Foz Há 70 Anos*, Porto, Colégio Brotero, 1939.
- IDEM — *Alberto Pimentel e o Porto*, «O Tripeiro», Porto, V série, n.º 6, 1955.
- BASTOS, C. — *Nova Monografia do Porto*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1938.
- BRANDÃO, D. P. — *S. Miguel de Nevogilde*, Porto, Paróquia de Nevogilde, 1983.
- BRANDÃO, R. — *Os Pescadores*, Porto, Paisagem Editora, 1982.
- CÁRTER, H. — *The Study of Urban Geography*, Londres, Edward Arnold, 1973.
- CASTEL-BRANCO, D.—*Anteplano de Urbanização de Rossio ao Sul do Tejo*, Lisboa, 1966.
- IDEM — *Urbanização, Sobrevivência, Contradição, Ensaio Para uma Visão Dialética*, Porto, 1972.
- C.E.P. — *Equipamentos Colectivos*, Lisboa, Centro de Estudos e Planeamento, 1978.
- CHALINE, C.—*La Dynamique Urbaine*, Paris, P.U.F., 1980.
- CLAVAL, P.—*La Logique des Villes, Essai d'Urbanologie*, Paris, Litec, 1981.
- CRUZ, A. — *5. João da Foz, Terra Milenária*, «O Tripeiro», Porto, Série Nova, Ano III, n.º 1, 1984.
- IDEM — *A Póvoa Marítima e o Couto de S. João da Foz do Douro*, «O Tripeiro», Porto, Série Nova, Ano III, n.º 2, 1984.
- IDEM — *A Jurisdição no Couto da Foz*, «O Tripeiro», Porto, Série Nova, Ano III, n.º 3, 1984.
- IDEM — *Da Ermida de S. João à Igreja e Convento da Foz do Douro*, «O Tripeiro», Série Nova, Ano III, n.º 4, 1984.
- CRUZ, A. — *O Castelo de S. João da Foz do Douro no Tempo dos Filipes e da Restauração*, «O Tripeiro», Porto, Série Nova, Ano III, n.º 5, 1984.
- DA VIÉS, R. L. — *The Nature of Cities*, 2.^a Edição, Oxford, Pergamon Press, 1975.
- DEAR, M.; SCOTT, A. J. et alia— *Urbanization and Urban Planning in Capitalist Society*, Nova Iorque, Methuen, 1981.
- D.G.O. — *Carta Europeia do Ordenamento do Território*, Lisboa, Direcção Geral do Ordenamento, 1984.
- DINIS, J. — *Uma Família Inglesa*, Porto, Livraria Lello e Irmão, s/ data.
- DOUBRERE, J. C. — *La Consommation de VEspace: Ampleur et Acceleration, Facteurs d'Explication*, in «Consommation de l'Espace et Urbanization, Actes du Seminaire d'Étude», Bordéus, Centre d'Études des Espaces Urbains, s/ data.

- EVERSON, J. A., FITZFERALD, B. F. — *Inside the City*, 5.^a edição, Londres, Longman Group Limited, 1979. FERNANDES, J. G. — *O Porto, Cidade Diferente*, Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1985. FIEL, J. — *Um Século da Atribulada História dos Transportes Públicos do Porto*, «O Tripeiro», Porto, série nova, ano II, n.^{os} 7 e 8, 1983.
- G.P.U. — *Opções do Plano*, Porto, 1984, (polic.) IDEM—
Plano geral da Urbanização, Porto, 1985, polic.
- IDEM — *Opções do Plano Opções Políticas*, Porto, Gabinete de Planeamento Urbano, Câmara Municipal do Porto, 1985. IDEM — *Foz, Nevogilde e Aldoar*, Porto, 1985, (polic.)
- IDEM — *Análise dos Preços da Habitação na Região Urbana do Porto*, Porto, 1985, (polic.)
- GUICHARD, F. — *Porto, La Ville dans sa Région, Contribution à l'Étude de l'Organisation de l'Espace dans le Portugal du Nord*, Bordéus, 1983. HARRIS, C. D.; ULLMAN, E. L. — *The Nature of Cities*, in «Readings in Urban Geography», 7.^a edição, Chicago, The University of Chicago Press, 1969. HOYT, H. — *The Pattern of Movement of Residential Rental Neighborhoods*, in «Readings in Urban Geography», 7.^a edição, Chicago, The University of Chicago Press, 1969.
- I.N.E. — *XII Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística, 1981. IDEM — *Classificação das Actividades Económicas Portuguesas por Ramos de Actividade*, «Série Normas», Revisão 1, Lisboa, n.^o6, Instituto Nacional de Estatística, 1973.
- JOHNSON, J. — *Geografia Urbana*, 2.^a edição, Barcelona, Ediciones Oikos-Tau, 1980.
- JOHNSTON, R. J. — *City and Society*, Harmondsworth, Penguin Books, 1980.
- JORGE, R. — *Origens e Desenvolvimento da População do Porto*, Separata do Anuário do Serviço Municipal de Saúde e Higiene, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1897.
- LEITÃO, J. — *Guia Ilustrado da Foz, Matosinhos, Leça e Lavadores*, Porto, Livraria Magalhães e Moniz, 1907.
- LOBO, C; PARDAL, S. — *O Parque da Cidade*, Porto, 1982. LYNCH, K. — *A Imagem da Cidade*, Lisboa, Edições 70, 1982. MACHADO, F. — *Julho Cultural*, Porto, 1984. MARQUES, H.; FERNANDES, J. A.; MARTINS, L. — *O Aglomerado Urbano de Gondomar, Áreas de Expansão Preferencial*, «Humanidades», série 2.^a, n.^o 4, Porto, 1984. M.T.S.S.—*Número de Pessoas no Mês, Quadros do Pessoal*, Lisboa, Ministério do Trabalho e Segurança Social, 1983. MONTERREY, G. — *Foz do Douro*, Porto, Secção Cultural do Clube Infante de Sagres, 1965.
- OLIVEIRA, J. M. P. de — *O Espaço Urbano do Porto, Condições Naturais e Desenvolvimento*, Coimbra, Instituto de Alta Cultura, 1973. PACHECO, H. — *Porto*, Lisboa, Editorial Presença, 1984. PRECEDO LEDO, A. — *Bilbao y El Bajo Nervión*, Bilbao, Junta de Cultura de Vizcaya, 1977.
- SAMPAIO, A. — *As Póvoas Marítimas*, Lisboa, Editorial Vega, 1979. SPRATLEY, R.; PAIS, F.; COSTA, M. B. — *Dois Pareceres da Comissão de Estudo da Valorização Turística da Foz-do-Douro*, separata da Revista «Civitas», fase. II-III, Porto, Câmara Municipal do Porto, 1945.